

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Bruna Marzullo

A MODALIDADE FALADA DO INGLÊS E A TRADUÇÃO EM PORTUGUÊS
Um Enfoque da Gramática Sistêmico-Funcional

MESTRADO EM LINGUÍSTICA APLICADA E ESTUDOS DA
LINGUAGEM

São Paulo
2015

Bruna Marzullo

**A MODALIDADE FALADA DO INGLÊS E A TRADUÇÃO EM PORTUGUÊS
Um Enfoque da Gramática Sistêmico-Funcional**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Sumiko Nishitani Ikeda.

São Paulo

2015

Bruna Marzullo

A MODALIDADE FALADA DO INGLÊS E A TRADUÇÃO EM PORTUGUÊS
Um Enfoque da Gramática Sistemico-Funcional

Prof.^a Dr.^a Sumiko Nishitani Ikeda – Orientadora

Prof.^a Dr.^a Maria Cecília Pérez de Souza e Silva

Prof. Dr. Marcelo Sappas

São Paulo, 19 de março de 2015.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Sumiko Nishitani Ikeda, por sua imensa paciência e incansável dedicação, pelo que serei eternamente grata.

À minha mãe, Regina, por despertar em mim a paixão pela leitura logo cedo, ao me contar histórias antes de dormir e me presentear com todos os livros que eu desejasse.

Ao meu marido, Rodrigo, por me incentivar e acreditar em minha capacidade quando eu mesma duvidava.

Aos meus queridos alunos, que são grande parte da minha motivação em estudar cada vez mais.

À Professora Flamínia M. M. Ludovici, membro da Banca de Qualificação, pela leitura criteriosa e sugestões imprescindíveis para a conclusão deste trabalho.

À Professora Elizabeth Del Nero S. Luft, também membro da Banca de Qualificação, pelo valioso questionamento e pelas sugestões que enriqueceram a pesquisa.

Aos professores do LAEL, por contribuírem para meu crescimento acadêmico.

Aos queridos colegas de classe, que me ajudaram com suas opiniões.

Aos funcionários do LAEL, principalmente Maria Lúcia e Márcia, pela atenção com que sempre atenderam meus pedidos.

Ao CNPq, pela Bolsa, sem a qual a conclusão desta pesquisa não seria possível.

“Não há saber mais ou saber menos:
Há saberes diferentes.”

Paulo Freire

RESUMO

As escolhas lexicogramaticais que caracterizam uma interação oral autêntica em inglês ainda não mereceram a atenção devida. Esta pesquisa compara a modalidade falada do inglês, no caso, as interlocuções ocorridas em duas entrevistas do programa *Late Night Show with David Letterman*, no canal CBS, com as traduções em português, feitas nas respectivas legendas. Levo em conta que as legendas devem seguir normas que incluem sua extensão e que, dessa forma, seu conteúdo linguístico nem sempre pode ser idêntico ao do original, sendo em geral menos extenso. Assim, o que interessa à minha pesquisa é determinar as características do material omitido. Dos três significados construídos pela língua – ideacional, interpessoal e textual –, analiso o segundo, considerando que uma oração organiza a informação como um evento interativo (função interpessoal). Nesse contexto, enfoco a expectativa linguística em relação em especial à polidez. A expectativa linguística envolve, entre outros fatores, o nível de formalidade linguística adequado ao contexto de situação e de cultura, que deve ser respeitado com risco de insucesso na comunicação. O exame das interações enfocará basicamente: a Modalidade (envolvendo a Modalização e a Modulação) e a Avaliatividade (envolvendo a avaliação – explícita ou implícita – da mensagem ou dos interlocutores). A pesquisa deve responder às seguintes perguntas: (a) Que diferença existe entre as interlocuções de uma entrevista em inglês ocorridas em um programa de TV e as respectivas legendas em português em relação em especial à polidez? (b) Que papel exercem a Modalidade e a Avaliatividade nesse processo? A análise conta com o apoio da proposta teórico-metodológica da Gramática Sistêmico-Funcional (GSF). A pesquisa mostra que há diferenças tanto nas escolhas lexicogramaticais que realizam a polidez quanto na frequência de seu uso.

Palavras-chave: Gramática Sistêmico-Funcional. Modalidade. Avaliatividade. Interlocuções orais. Inglês.

ABSTRACT

Lexicogrammatical choices featuring an authentic oral interaction in English have not received proper attention yet. This research compares spoken English (dialogues taken from two interviews on CBS's program *Late Night Show with David Letterman*) and its translation into Portuguese, on the corresponding subtitles. I take into consideration the fact that subtitles must follow rules that include their length, and, thus, their linguistic content may not always be identical to the original, and is in general shorter. What matters to my research is, then, to determine the characteristics of the omitted material. Of the three meanings construed by the language – Ideational, Interpersonal and Textual – I analyse the second, taking into account that a clause organizes information as an interactive event (Interpersonal function). In this context, I focus on the linguistic expectations, specially politeness. Linguistic Expectation involves, among other factors, the appropriate level of formality to the linguistic context of situation and culture that must be respected, otherwise risking failure in communication. The examination of interactions is going to focus primarily on: Modality (involving Modalization and Modulation) and Appraisal (involving explicit or implicit evaluation of the message or the interlocutors). The research should answer the following questions: (a) What is the difference between English and Portuguese speakers concerning specially politeness? (b) What roles do Modality and Appraisal have in the process? The analysis relies on the theoretical and methodological approach of the Systemic Functional Grammar (SFG). Research shows that there are differences both in lexicogrammatical choices that carry out politeness and in the frequency of their use.

Keywords: Systemic Functional Grammar. Modality. Appraisal. Oral dialogues. English.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Relação Processos/Participantes/Circunstâncias	21
QUADRO 2: Relação Processos/Participantes/Circunstâncias	21
QUADRO 3: Metafunção Interpessoal	22
QUADRO 4: <i>Mood</i> e Modalidade	23
QUADRO 5: Metafunção Interpessoal: análise	24
QUADRO 6: Exemplos de Avaliatividade	28
QUADRO 7: Recursos de Avaliatividade.....	29
QUADRO 8: Compromisso – Resumo geral.....	30
QUADRO 9: Redundância.....	31
QUADRO 10: Tipos de Avaliatividade	31
QUADRO 11: Resumo das teorias	46
QUADRO 12: Codificação utilizada na análise	48
QUADRO 13: Exemplo de análise	49

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: A presença da metafunção interpessoal no original e na tradução da entrevista de Julia Roberts	57
TABELA 2: A presença da metafunção interpessoal no original e na tradução da entrevista de Julianna Margulies	62

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 APOIO TEÓRICO	17
2.1 O Determinismo Linguístico	17
2.2 A Gramática Sistêmico-Funcional	19
2.2.1 A Metafunção Interpessoal	22
2.2.2 A importância da relação entre língua e contexto	25
2.3 A Avaliatividade	28
2.3.1 Os tokens de ATITUDE	31
2.3.2 A Avaliatividade e a Prosódia	32
2.4 A Linguística Crítica	32
2.5 A Expectativa Linguística	33
2.6 O Cognitivismo e a GSF	35
2.7 A Funcionalidade dos Atos de Fala Indiretos	38
2.7.1 A Teoria da Polidez	39
2.8 A intersubjetividade	41
2.9 O Marcador Metadiscursivo	42
2.10 A abordagem linguística aos estudos de tradução	43
2.11 A abordagem da LSF para estudos de tradução	44
2.11.1 A função interpessoal e a tradução	45
3. METODOLOGIA	47
3.1 Dados	47
3.2 Procedimentos de Análise	47
4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	50
4.1 Análise da entrevista de David Letterman com Julia Roberts	50
4.2 Análise da entrevista de David Letterman com Julianna Margulies	57
4.3 Discussão geral	62
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
5. REFERÊNCIAS	66

A MODALIDADE FALADA DO INGLÊS E A TRADUÇÃO EM PORTUGUÊS

Um Enfoque da Gramática Sistêmico-Funcional

1 INTRODUÇÃO

É fácil perceber que há uma grande distância entre o conteúdo ditado por compêndios de ensino da gramática da língua portuguesa – que, na realidade, referem-se à modalidade escrita – e a realidade da língua oral usada por seus falantes nativos. Exemplos dessa discrepância não somente são frequentes, mas também podem criar situações desconfortáveis para quem, na fala, segue à risca aqueles ensinamentos. A todo momento, ouvimos construções como: “Me dá isso”, “Bobear, dançou”, “Ah! Deixa ele”, que, se seguidas as regras da gramática, seriam, respectivamente: “Dá-me isso”, “Se bobear, dançará”, “Ah! Deixa-o”; porém, essas construções, embora corretas do ponto de vista prescritivo, podem causar estranheza ao interlocutor, porque não pertencem ao acervo do uso da modalidade oral da língua portuguesa.

Por outro lado, algumas estruturas linguísticas citadas nas gramáticas são muito pouco frequentes, apesar de figurarem entre as mais importantes. É o caso da conjunção “embora”, que praticamente desapareceu da linguagem falada do dia a dia; também “uma vez que”, conjunção causal, não apresenta nenhuma ocorrência em milhares de textos consultados na *Internet*; assim é também o próprio “porque”, que tem sido substituído por “é que” ou omitido, caso em que as orações são conjugadas por contiguidade, como em: “Bebi um monte de água. Tava com sede”. Se é assim no português, assim também deve ser em outras línguas.

Muitos de nós que trabalhamos com a linguística operamos dentro de um modelo único, resolutamente arando nosso próprio caminho teórico a fim de buscar uma particular e às vezes restrita visão da linguagem, diz Butler (2013). Isso é, de vários modos, compreensível: uma compreensão profunda de um único modelo é suficientemente difícil de alcançar sem se tentar familiarizar-se com outros, e a política e sociologia da iniciativa linguística também exercem influências poderosas. Pode-se argumentar, no entanto, que a fim de se compreender o fenômeno altamente complexo e multifacetado a que chamamos linguagem devemos ir além de modelos individuais, engajando-nos em diálogo, o que nos ajudará a alcançar

melhores compreensão e integração das muitas facetas da habilidade linguística humana. Para explicar essa integração, Butler (2013) julga que praticantes da Gramática Sistêmico-Funcional (doravante GSF) e Linguística Cognitiva (doravante LC) poderiam beneficiar-se de um diálogo construtivo com psicolinguistas e com outros praticantes dessas vertentes, como explicaremos mais adiante.

No entanto, há mais de três décadas, Michael Halliday distanciou-se dos modos psicológicos de explicação nos seguintes termos:

Não estou realmente interessado nos limites entre disciplinas, mas se me pressionassem por uma resposta específica, teria de dizer que para mim a linguística é um ramo da sociologia. A Linguagem é uma parte do sistema social, e não há necessidade de se interpor um nível psicológico de interpretação. Não estou dizendo que não é uma perspectiva interessante, mas não é necessária para a exploração da linguagem (HALLIDAY, 1978, p. 38-39).

Sou professora de inglês há treze anos, lecionando para alunos com idades entre 25 e 35 anos, que procuram o curso por necessidade profissional: ou porque foram promovidos e o novo cargo exige o domínio no inglês, ou porque estão à procura de colocação, ou porque querem subir na carreira. E meus alunos precisam ser proficientes nas duas modalidades: falada e escrita.

A linguística tem apresentado muitas pesquisas que, em alguns casos, acabaram desmentindo certas regras gramaticais como “verdades a seguir”; e, em outras, mostraram que seu cunho acentuadamente morfossintático não dá conta de muitos fenômenos que exigem a integração da contribuição da semântica e da pragmática, bem como da distinção entre fala e escrita. Nesse contexto, decidi-me a pesquisar o inglês falado, esperando descrever na microestrutura linguística as características lexicogramaticais da fala, que devem ser diferentes das da escrita, já que devem cumprir funções distintas.

Para uma comunicação bem sucedida, é necessário que o aluno consiga expressar-se da maneira mais próxima à do falante nativo. Uma fala é considerada fluente porque propicia compreensão fácil, porque permite um rápido processamento cognitivo por parte do ouvinte. Em termos gerais, a comunicação entre interlocutores que compartilham várias afinidades é mais bem sucedida do que a que envolve pessoas muito diferentes. Assim, falantes de línguas e culturas diferentes terão muito mais dificuldade de se entenderem do que aqueles que as têm semelhantes.

Mas mesmo dentro de um mesmo país, as interlocuções podem se ressentir de dificuldades semelhantes. Esta questão interessa à presente pesquisa.

Saber usar uma língua significa não só conhecer as suas regras, mas também saber o modo mais indicado de apresentar uma informação, fato expresso nas palavras de Chafe (1987): “*linguistic packaging devices have less to do with the content of an utterance than with the way that content is wrapped up and presented to a hearer*”.¹ É por esse motivo que dizer, por exemplo, *Could you watch me a television program?*² soa estranho, embora a construção esteja correta do ponto de vista gramatical. Esse é um enunciado que, com certeza, nenhum falante nativo usaria em situação usual de comunicação e nem esperaria ouvir, pois o mesmo conteúdo, para ser transmitido em inglês “nativo”, precisa de um outro “*packaging*”, outro invólucro.

Pode-se então entender que muitos problemas de comunicação decorrem dessa diversidade de expectativas. A expectativa linguística envolve a expectativa lexicogramatical – as escolhas que o falante faz nesse sistema – tendo em mente satisfazer a expectativa do ouvinte, e este aguarda que ela seja satisfeita, o que nem sempre acontece, principalmente quando envolve falantes de diferentes culturas. Uma reunião acadêmica é um bom exemplo. Há um modo de “empacotar” as ideias numa reunião universitária, tanto é que se leva um tempo razoável para adquirir o modo linguístico adequado de participar desses encontros. É esse empacotar específico e típico que interessa a nossa pesquisa.

Como parte da expectativa linguística está a questão do nível de formalidade linguística adequada ao contexto situacional – uma questão fortemente influenciada pela cultura e que deve ser respeitada com risco de insucesso na interação. Assim, o japonês prefere dizer algo como: “O sr. Kita dividiu seu terreno comigo”, em vez de “Comprei um lote de terreno do sr. Kita”, que soa pouco delicado para o japonês. O falante do inglês usa muito mais o “*I’m sorry*” do que o correspondente “Desculpe”, do brasileiro. Os alemães parecem ser rudes aos olhos dos brasileiros, porque suas escolhas lexicais adquirem um tom ofensivo, quando traduzidas para o português. Por sua vez, os americanos são muito mais diretos e concisos do que os brasileiros, e, além disso, o brasileiro, em conversa em inglês com americanos, deve ter em

¹ Dispositivos de empacotamento linguístico têm menos a ver com o conteúdo de um enunciado do que com a forma com que o conteúdo é embrulhado e apresentado a um ouvinte (tradução minha).

² Você poderia me assistir a um programa de televisão?

mente que certas demonstrações de afeto podem parecer invasivas a seu interlocutor.

Por outro lado, como diz Saussure (1995), em sua série de dicotomias linguísticas, a língua é imutável (como um todo), mas é mutável (em algumas de suas partes). Em e-mail de discussão entre sistemicistas, questiona-se a adequação do uso do possessivo com “that’s”, como em: *a book that’s cover is badly torn*³. Fries (2013) responde assim:

One thing that particularly interested me was that people from around the world were attesting it, sometimes from their students, sometimes from their children, almost always (according to my memory) from the writing or speaking of people younger than about 20.⁴

Fatos assim nos mostram que não se pode esperar que os compêndios gramaticais possam acompanhar passo a passo a evolução da língua, em especial da sua modalidade oral.

Um dos problemas de comunicação causados por diferenças culturais deve-se ao que Tannen (1984 apud BYRNES, 1986) chamou de “estilo conversacional”. Várias pesquisas mostram a importância desse fator, já que ele não é meramente uma questão linguística de superfície, mas envolve em si arraigados usos e costumes de uma comunidade linguística, que acabam se externalizando na comunicação. Aprende-se o estilo conversacional muito cedo na vida, e esse estilo se torna automático e inconsciente e é, assim, resistente a mudanças.

Por outro lado, a abordagem das características da língua oral dialogada requer, segundo Koch et al (1990), a referência a uma questão importante que diz respeito ao planejamento. Assim, Ochs (1979) registra vários graus de planejamento do discurso, indo do não planejado (o discurso que prescinde de reflexões prévias, que marca a modalidade falada) ao planejado (o discurso pensado e projetado antes de sua expressão, fato que caracteriza a escrita).

As questões acima, se vistas da perspectiva da GSF (HALLIDAY, 1994), seriam consideradas como produtos da particularidade da linguagem humana de permitir diferentes escolhas lexicogramaticais para falar de um mesmo assunto, já que este se submete a razões pragmáticas resultantes da interação. O que

³ “Um livro que a capa está bem rasgada” (tradução minha).

⁴ “Algo que particularmente me interessou foi que pessoas de todo o mundo estavam atestando isso, às vezes de seus alunos, às vezes de seus filhos, quase sempre (de acordo com minha memória) da escrita ou fala de pessoas com menos de 20 anos” (tradução minha).

caracteriza um sistema semiótico é o fato de que cada escolha no sistema pode adquirir seu significado em relação a outras escolhas, que poderiam ter sido feitas, mas não foram. Esse fato, transposto para um contexto intercultural, enseja as situações de mal-entendidos, já que por determinações culturais um falante acaba fazendo escolhas que não estão de acordo com as determinações de outra cultura.

Dito isso, e diante das várias possibilidades e necessidades que se mostram na abordagem da questão, escolhi iniciar a pesquisa enfocando a questão da expectativa linguística em relação à questão da polidez, que, por sua vez, envolve o posicionamento avaliativo do falante.

O objetivo desta dissertação de mestrado é a comparação da modalidade falada do inglês, no caso, as interlocuções ocorridas em duas entrevistas do programa *Late Night Show with David Letterman*, no canal CBS, com a tradução em português, feitas nas respectivas legendas. Levo em conta que as legendas devem seguir normas que incluem sua extensão e que, dessa forma, seu conteúdo linguístico nem sempre pode ser idêntico ao do original, sendo em geral menos extenso. Assim, o que interessa à minha pesquisa é determinar as características do material omitido. Dos três significados construídos pela língua – ideacional, interpessoal e textual – analiso o segundo, considerando que uma oração organiza a informação como um evento interativo (função interpessoal). Nesse contexto, enfoco a expectativa linguística em relação em especial à polidez.

A pesquisa deve responder às seguintes perguntas: (a) Que diferença existe entre as interlocuções de uma entrevista em inglês ocorridas em um programa de TV e as respectivas legendas em português em relação em especial à polidez? (b) Que papel exercem a Modalidade e a Avaliatividade nesse processo? Para tanto, a análise das interlocuções no inglês terá basicamente o apoio da proposta teórico-metodológica da GSF (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), complementada pela teoria da polidez (BROWN; LEVINSON, 1987) e da Avaliatividade (MARTIN, 2000), uma extensão da metafunção Interpessoal da GSF.

A pesquisa mostra que há diferenças tanto nas escolhas lexicogramaticais que realizam a polidez quanto na frequência de seu uso.

A presente dissertação de mestrado está assim estruturada:

No capítulo 2, Apoio Teórico, apresento uma visão geral sobre os pressupostos teóricos da Linguística Sistêmico-Funcional, de Halliday (1994), além

de outras teorias, como Determinismo Linguístico, Avaliatividade, Linguística Crítica, A Funcionalidade dos Atos de Fala Indiretos e a Intersubjetividade.

No capítulo 3, Metodologia de Pesquisa, descrevo a maneira pela qual os dados foram coletados e organizados, e a seguir apresento o procedimento adotado para a análise dos dados, com base na Linguística Sistêmico-Funcional, para análise das escolhas lexicogramaticais dos falantes de língua inglesa.

No capítulo 4, Análise e Discussão dos Resultados, discuto as questões decorrentes da análise das entrevistas e de suas respectivas traduções e apresento resultados quantitativos e qualitativos da pesquisa realizada.

Para concluir a pesquisa, seguem-se as Considerações Finais, em que delinco os objetivos alcançados e sugiro caminhos para pesquisa futura, e, finalmente, as Referências.

2 APOIO TEÓRICO

Minha pesquisa apoia-se basicamente na Gramática Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY, MATTHIESSEN, 2004), que tem incorporado a visão de mundo da “hipótese Sapir-Whorf” de que a linguagem envolve interpretações de mundo particulares a cada língua. A GSF envolve, em sua metafunção Interpessoal, as noções de Avaliatividade – o posicionamento do escritor/falante perante o interlocutor – e de Linguística Crítica – o fato de que *qualquer* aspecto da estrutura linguística carrega significação ideológica (FOWLER, 1991). Nesse contexto, incluem teorias da tradução bem como noções de atos de fala indiretos (GRICE, 1975; HOLTGRAVES, 1998); polidez (BROWN; LEVINSON, 1987) e intersubjetividade (KÄRKKÄINEN, 2006).

2.1 O Determinismo Linguístico

Creio que um dos fatores que desempenha papel importante na maneira como falantes de línguas diferentes usam a língua de maneira diferente – mesmo diante de uma única situação – pode ser mais bem entendida com a ajuda da hipótese do Determinismo Linguístico. Mais recentemente, essa questão tem sido abordada por meio da noção de *frame* ou enquadre mental, fenômeno pelo qual a “mesma” realidade pode ser vista sob ângulos muito diferentes, de acordo com o conhecimento de mundo que a pessoa traz para o contexto.

A hipótese de que línguas diferentes influenciam o pensamento de maneiras diferentes existe desde o início da filosofia, segundo Slobin (1980), sendo conhecida como determinismo linguístico (ou relatividade linguística, quando aplicada a uma determinada língua) e também como hipótese whorfiana, em homenagem a Benjamin Lee Whorf, que devotou grande atenção ao problema (WHORF, 1956). Começamos com uma afirmação sobre o problema feita por Edward Sapir (1958), o grande linguista que foi professor de Whorf:

Os seres humanos não vivem isolados no mundo objetivo, nem no mundo da atividade social como ordinariamente se entende, mas estão muito à mercê da língua que se tornou o meio de expressão de sua sociedade. O

fato é que o “mundo real” é, em larga extensão, inconscientemente construído sobre os hábitos linguísticos do grupo (SAPIR, 1958, p. 162).

Segundo Slobin (1980), começamos a pensar em relatividade linguística quando comparamos línguas e descobrimos quão diferentes podem ser as categorias das experiências incorporadas nas várias línguas. As línguas diferem grandemente tanto nas **categorias** que expressam como nos **meios** linguísticos especiais que empregam para a representação dessas categorias. Essas diferenças vão além do fato tão conhecido de que a maioria das palavras não têm tradução perfeitamente equivalente de uma língua para outra. Whorf estava mais interessado em relacionar o **léxico** e a **gramática** – especialmente a gramática – à *Weltanschauung* total, à total cosmovisão de uma cultura. O que deve ficar claro é que tanto o léxico quanto a gramática são como são porque, primordialmente, decorreram de necessidades existentes em uma cultura e do modo como essa cultura “enxerga” a realidade que a envolve.

Para melhor explicitar a questão, recorro a Slobin (1980), que tenta aplicar as intravisiões da linguística cognitiva para os usos de verbos de movimento em línguas de tipologias diferentes. Para caracterizar a codificação linguística desses elementos deve-se levar em consideração a limitação imposta pela *tipologia* da língua em questão. O contraste tipológico fica claramente demonstrado na comparação do inglês com o espanhol, diz o autor. Essas línguas representam os polos opostos da dicotomia tipológica, que Leonard Talmy (1985, 1991, apud SLOBIN, 1986) caracterizou como sendo de enquadre-satélite versus enquadre-verbo⁵. Consideremos o exemplo prototípico de Talmy (1985, 1991) sobre a descrição de um homem saindo a cavalo de um jardim, em que ele compara o inglês ao espanhol, que vale também para o português:

- (1) He rode out of the garden.
mov+modo fora
- (2) Ele saiu do jardim a cavalo.
mov+fora modo

⁵ Enquadre-verbo e enquadre-satélite são descrições tipológicas de como sintagmas verbais descrevem o caminho do movimento ou a forma de movimento em línguas diferentes. Na língua inglesa, os sintagmas verbais (“fall down”, “go up”, por exemplo), possuem partículas para mostrar o caminho de movimento — os satélites (“down”, “up”) —, enquanto os verbos mostram o tipo do movimento; assim, o inglês é uma língua com estrutura de satélite.

Em inglês, o satélite do verbo, *out*, expressa a formação nuclear do movimento, enquanto que em português é o verbo por si, *sair*, que expressa essa informação. Notemos que a informação sobre o modo do movimento que é expresso pelo verbo em inglês (incluído em *rode*) não o é no português, que precisa, assim, do acréscimo do adjunto adverbial (a cavalo). Por seu lado, o espanhol (e o português) codifica a direção “para fora” no próprio verbo (*saiu*), enquanto o inglês precisa acrescentar a partícula adverbial (*out*). Esses padrões são muito frequentes nas duas línguas.

O que se observa, então, é que a realidade é recortada de maneira específica por cada cultura. Para a língua japonesa, por exemplo, é necessário codificar na palavra correspondente ao numeral “um/uma” não só o lexema de unidade, mas também o tamanho ou o ser enumerado. Assim, temos: “*ippiki*” (para animal), “*hitori*” (para pessoa), “*ippon*” (para algo longo, como garrafa, lápis), “*itto*” (para algo grande), “*ikko*” (para algo pequeno) e assim por diante; por outro lado, inexistente morfema indicador de gênero masculino/feminino.

Por outro lado, o português desenvolveu também uma série de estruturas morfológicas (sufixos) que acrescentam significados emotivos ou avaliativos a palavras essencialmente “neutras”, fato que nem sempre ocorre no inglês. O nome “menino”, por exemplo, pode ser alterado para “menininho” ou “meninote”, ou “meninão”, ou “meninito”. A forma básica de adjetivos e advérbios também pode ser alterada por meio de sufixos. As formações variantes expressam significados avaliativos adicionais como em “friozinho”, “friíssimo”; ou “lindo”, “lindão”, “lindíssimo”, “lindinho”. Esses sufixos são usados criativamente, e seu significado pode variar consideravelmente dependendo da raiz da palavra e do contexto: tapetinho pode significar “tapete pequeno”, “tapete barato”. Dito isso, passo a tratar da GSF, que terá papel básico em minhas análises.

2.2 A Gramática Sistêmico-Funcional

A GSF é uma teoria iniciada por Michael Halliday (1985, 1994) segundo a qual a língua é formada por muitos sistemas, cada um representando um tipo de escolha (geralmente inconsciente) de sentido feito pelos falantes (daí o nome

sistêmico); além disso, essas escolhas servem para os falantes realizarem coisas com a língua (daí o nome **funcional**).

Segundo Halliday, os usuários da língua não interagem apenas para trocar sons uns com outros, nem palavras ou sentenças, mas para construir significados ou metafunções (em número de três) simultâneas: **Ideacional** (conteúdo, assunto), **Interpessoal** (relações entre os interlocutores) e **Textual** (organização da fala ou da escrita, de acordo com seu propósito e as exigências do meio sócio-histórico-cultural), a fim de entender o mundo e o outro.

Essas metafunções agem juntas: cada palavra que dizemos realiza as três metafunções. E como faz a língua para manipular três tipos de significados simultaneamente? A língua possui um nível intermediário de codificação: a **lexicogramática**. É esse nível que possibilita à língua construir três significados concomitantes, e eles entram no texto através das orações. Daí porque Halliday dizer que a descrição gramatical é essencial à análise Textual. Por outro lado, a noção de escolha é importante para a teoria: quando se faz uma escolha no sistema linguístico, o que se escreve ou o que se diz adquire significado contra um fundo em que se encontram as escolhas que poderiam ter sido feitas.

Quanto às metafunções, vejamos como elas atuam na análise do exemplo a seguir:

(3) Ele estudou inglês no passado.

A metafunção Ideacional representa, por meio do sistema da transitividade, os eventos das orações em termos de **fazer**, **sentir** ou **ser**, envolvendo: processos, participantes e circunstâncias. Veja Quadro 1.

Em relação à metafunção Ideacional, o verbo **estudar** expressa um processo material; **Ele**, um participante *Ator*; **inglês**, um participante *Meta*; e **no passado**, uma *Circunstância* de tempo. Esses elementos representam a Transitividade da oração.

Em relação à metafunção Interpessoal, é uma sentença declarativa, na qual **Ele** realiza o *Sujeito*; a terminação **-ou** (da forma verbal **estudou**), o *Finito*; e **estud-** (da forma verbal **estudou**), o *Predicador*. **Ele** e **-ou** ainda realizam o *Mood*, e o restante da frase forma o *Resíduo*.

Em relação à metafunção Textual, **Ele** realiza o *Tema* da frase, e o restante, o *Rema*. O Tema é o ponto de partida da mensagem e indica uma posição importante na frase, ajudando a estruturar o discurso e a dar proeminência aos elementos que o compõem.

Quadro 1: Relação Processos/Participantes/Circunstâncias

Processos	Participantes	Circunstâncias
Material	<u>Fabiano</u> vendeu <u>sua casa</u> <u>ao vizinho</u> Ator Meta Beneficiário <u>Ele</u> caminhou <u>pelo sertão</u> . Ator Extensão	devido à seca.
Comportamental	O sertanejo gemia <u>de agonia</u> Comportante Comportamento	enquanto seguia.
Mental	<u>Ele</u> pensava <u>no destino da família</u> . Experienciador Fenômeno	
Existencial	A <u>seca</u> se fazia presente Existente	no nordeste.
Relacional	<u>Ele</u> era <u>um retirante</u> . (a) Atributivo : Portador Atributo <u>O retirante</u> era <u>o João</u> . (b) Identificativo : Característica Valor	
Verbal	<u>Sinhá Vitória</u> falou <u>para nós</u> <u>dos horrores</u> <u>da seca</u> . Dizente Receptor Verbiagem Alvo	

Fonte: Halliday (1994)

Quadro 2: Relação Processos/Participantes/Circunstâncias

Processos	Participantes	Circunstâncias
<i>Material</i>	Ator, Meta, Alcance, Beneficiário	causa concessão condição etc.
<i>Comportamental</i>	Comportante, Comportamento	
<i>Mental</i>	Experienciador, Fenômeno	
<i>Existencial</i>	Existente	
<i>Relacional</i>	Identificação: Identificado, Identificador Atributivo: Portador, Atributo	
<i>Verbal</i>	Dizente, Receptor, Verbiagem, Alvo	

Fonte: Halliday (1994)

São essas noções de significado no texto e sua correlação com as dimensões contextuais que dão à abordagem da GSF dois temas comuns:

- foco na análise detalhada da variação dos traços linguísticos do discurso, isto é, há especificações explícitas, idealmente quantificáveis de padrões gramaticais e semânticos do texto;

- explicação da variação linguística pela referência à variação contextual, isto é, há elos explícitos entre traços do discurso e variáveis críticas do contexto social e cultural empregados para explicar o significado e a função da variação entre textos.

A seguir, trato da metafunção Interpessoal, que será importante para entender as interações referentes à polidez e à avaliação.

2.2.1 A Metafunção Interpessoal

A metafunção Interpessoal serve para “realizar nossas relações sociais” (MARTIN; ROSE, 2003, p. 6). Para Halliday (1994), os papéis de fala fundamentais são apenas dois: **dar** e **pedir** – informação ou bens e serviços. Nesse sentido, na interatividade, o falante/escritor não está apenas realizando algo para si, mas também solicitando algo de seu ouvinte/leitor. Trata-se de “uma troca em que dar implica receber e pedir implica dar em resposta” (HALLIDAY, 1994, p. 68). Na troca de informação, a oração assume a função semântica de **Proposição**, ao passo que na troca de bens e serviços a função assumida pela oração é de **Proposta**.

Para a realização dessa troca – seja de informação, seja de bens e serviços - a metafunção Interpessoal vê a oração dividida em duas partes essenciais: *Mood* (incluindo **Sujeito + Finito**) + **Resíduo**⁶. Veja Quadro 3.

Quadro 3: Metafunção Interpessoal

<i>Mood</i>		Resíduo
Sujeito	Finito	
(a) João	precisa (<u>Modalidade</u>)	estudar a lição
(b) João	-va (<u>Tempo Primário</u>) ⁷	estuda- a lição

Fonte: Halliday (1994)

Vemos que, nessa análise, o **Mood** inclui a **Modalidade**, ambos definidos respectivamente como:

⁶ Resíduo é constituído por elementos funcionais de três tipos: predicador, complemento e adjunto.

⁷ Tempo Primário significa passado, presente ou futuro no momento da fala.

Mood é o recurso gramatical para se realizarem movimentos interativos no diálogo (MARTIN; MATTHIESSEN; PAINTER, 1997, p. 58). Portanto, nesse processo se estabelecem relações entre papéis de falante e ouvinte, por meio de verbos modais ou adjuntos modais. Esse sistema não só apresenta alternativas para a realização da interação (modos declarativo, imperativo e interrogativo), como também realiza, no nível lexicogramatical, as proposições e propostas.

Modalidade expressa significados relacionados ao julgamento do falante em diferentes graus sobre o conteúdo da mensagem, abrangendo: POLARIDADE (sim/não) e MODALIDADE (entre sim e não). A Modalidade inclui:

- (a) Modalização (probabilidade + frequência) – quando se refere à Proposição (troca de Informação);
- (b) Modulação (obrigação + desejabilidade) – quando se refere à Proposta (troca de bens e serviços). Veja resumo no Quadro 4.

Quadro 4: Mood e Modalidade

SIM	Proposição Informação		Proposta Bens & Serviços		NÃO
	MODALIDADE		MODULAÇÃO		
	probabilidade ⁸	frequência	obrigação ⁹	inclinação	
	<i>talvez</i>	<i>geralmente</i>	<i>deve</i>	<i>quero</i>	

Fonte: Halliday (1994)

Veja, a seguir, um exemplo de análise da metafunção Interpessoal:

⁸ Ou modalidade epistêmica

⁹ Ou modalidade deontica

Quadro 5: Metafunção Interpessoal: análise

Contudo, por mim, o duque deve dar o bilhete na festa rapidamente							
(a) Oração como <i>permuta</i> [Mood e Resíduo]							
Contudo	por mim	o duque	deve	dar	o bilhete	na festa	rapidamente ¹⁰
Adj. Conjunt.	Adj. Modal	Sujeito	Finito ¹¹	Predicador	Complemento	Adj. Circunst.	Adj. Modal
∅	MOOD			RESÍDUO			MOOD

Fonte: Halliday (1994)

Com referência ao fato de o *Mood* incluir a Modalidade, Thompson e Thetela (1995) propõem distinguir essas duas funções, já que *Mood* refere-se à interação entre os participantes (por meio de orações imperativas, declarativas, interrogativas) e Modalidade refere-se ao posicionamento pessoal do autor (por meio de avaliações feitas no texto). Dizem eles que é necessário separar essas funções no interior da metafunção Interpessoal, para distinguir: (i) PESSOAL - que se refere à visão do escritor (Modalidade) e INTERACIONAL – que se refere à interação (*Mood*). Eles também propõem a noção de INTERATIVIDADE, referindo-se a pistas que orientam os leitores através do texto (p. ex.: *em resumo, assim sendo, como dissemos acima*).

A metafunção Interpessoal também contou com uma ampliação de sua capacidade analítica com a introdução da noção de Avaliatividade (MARTIN, 2000, 2003), que apresento a seguir. A **avaliação** é central para o aspecto interpessoal da língua e se manifesta por meio de marcadores linguísticos que se estendem pelo texto, “formando uma ‘prosódia’ de atitude” – ou coesão discursiva (HALLIDAY, HASAN, 1976) – que reflete o significado interpessoal (MARTIN, ROSE, 2003, p. 27).

Além disso, a construção desses significados é dinâmica, efetivando-se conforme o texto se desenvolve (HALLIDAY, 1992, 1993; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999). Esse fenômeno foi denominado de **logogênese**¹² e identifica essa construção dinâmica do significado conforme o texto se desenvolve (HALLIDAY, 1992, 1993; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999). Thompson (1998) denomina de **ressonância** a essa harmonia de significados que é um produto de

¹⁰ Os Adjuntos Modais, quando adicionados ao final da oração, são chamados de *Afterthought*.

¹¹ Finito indica tempo primário e modalidade.

¹² De acordo com Halliday (1994), a logogênese pode ser entendida como um fluxo discursivo construído ao longo do texto. Esse sentido não é construído apenas pelo escritor/falante, mas também pelo leitor/ouvinte.

uma combinação de escolhas não identificáveis com qualquer outra escolha, se consideradas isoladamente.

2.2.2 A importância da relação entre língua e contexto

Por outro lado, é imprescindível para a Sistêmica a consideração da inter-relação língua e contexto. O antropólogo Branislaw Malinowski (1923, 1935), trabalhando nas Ilhas Trobriand, verificou que a tradução da língua dos habitantes dessa ilha para o inglês requeria o conhecimento da sua cultura e das circunstâncias em que ocorriam as suas interlocuções. É dele o termo **contexto situacional**. Sabe-se que a língua varia de acordo com as situações de uso. Mas é difícil formalizar a natureza dessa relação. Parece que certos elementos da situação têm um efeito sobre a língua enquanto outros não. J. R. Firth (1935, 1950, 1951), influenciado pelo trabalho de Malinowski, desenvolveu uma teoria geral do significado-em-contexto. Para ele, a descrição do contexto permite predizer a língua que será usada e vice-versa.

A abordagem sistêmico-funcional considera dois níveis de contexto, o cultural (mais abstrato) e o situacional, e está interessada em examinar como o contexto entra no texto:

- a) por meio da estrutura esquemática (ou genérica), ou GÊNERO (contexto cultural), responsável pelo modo como as pessoas usam a língua para atingir metas culturalmente reconhecíveis (e.g., o modo como se indica a localização de uma rua difere de lugar para lugar: na cidade ou no interior de São Paulo, em Tóquio etc.);
- b) por meio do REGISTRO (contexto situacional), que explica por que um gênero tem mais possibilidade de surgir num contexto que noutro. O registro fornece à abstrata estrutura esquemática do gênero certos detalhes como: as pessoas envolvidas (Relações), o assunto (Campo) e o papel da língua no evento relatado (Modo).

Portanto, ao fazermos perguntas funcionais, não é suficiente enfocarmos somente a língua, mas a língua usada em um contexto.

O gênero, a partir de sua definição por Bakhtin (1953) como sendo “tipos relativamente estáveis de enunciados elaborados por cada esfera de utilização da língua. Incluem desde o diálogo cotidiano até a exposição científica”, tem recebido outras propostas conceituais que o tem tornado mais operacionável. Assim, para Martin (1984, p. 25): gênero é uma atividade, organizada em **estágios**, orientada para uma **finalidade** na qual os falantes se envolvem como membros de uma determinada cultura. Ele continua: gêneros indicam como as coisas são feitas, quando a linguagem é usada para efetivá-las. Grande parte do choque cultural é, de fato, choque de gênero (MARTIN, 1985b, p. 248).

Segundo Bakhtin, ignorar a natureza do enunciado e as particularidades de gênero que assinalam a variedade do discurso em qualquer área do estudo linguístico leva ao formalismo e à abstração, desvirtua a historicidade do estudo, enfraquece o vínculo existente entre a língua e a vida. A língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam.

Quanto ao registro, a explicação de Halliday e Hasan (1989) é a seguinte. O registro pode ser interpretado por meio de um arcabouço conceitual com o uso dos termos Campo (*Field*), Relação (*Tenor*) e Modo (*Mode*), ou, de modo mais completo, Campo do discurso, Relações do discurso e Modo do discurso. Esses são os componentes abstratos do contexto de situação, se o olharmos semioticamente, como uma construção de significados.

Há uma correlação sistemática entre as noções de Registro e das Metafunções, ou seja, entre as categorias da situação e as categorias do sistema Ideacional do texto, as Relações nos significados Interpessoais e o Modo nos significados Textuais. Podemos expressar esse fato de modo inverso, segundo os autores, usando uma metáfora complementar e dizendo que os significados experienciais são ativados pelos traços do Campo, os significados interpessoais pelos traços da Relação e os significados textuais pelos traços do Modo.

Um exemplo:

Halliday e Hasan (1989) apresentam um exemplo, visando a esclarecer os conceitos acima. Um menino, Nigel, de onze meses, brinca com um trem de madeira e alguns carrinhos, enquanto conversa com o pai. Nigel associa a brincadeira com fatos passados e objetos semelhantes ausentes da situação atual.

Campo: Criança brincando, assistida por adulto, enquanto manipula brinquedos e fala de situações semelhantes acontecidas no passado.

Relação: Criança e pai em interação. A criança anuncia suas intenções, controla as ações do pai, fala de suas próprias ações, enquanto interage verbalmente com o pai. A linguagem alterna-se entre a fala infantil e a de adulto.

Modo: Oral; monólogo e diálogo, orientado por uma tarefa.

Segundo Muntigl (2002), as três variáveis contextuais de registro – Campo, Relações e Modo – são, por sua vez, organizados pelas metafunções da linguagem ideacional, interpessoal e textual (Halliday, 1978). A metafunção ideacional representa os eventos (“*goings-on*”) das orações em termos de fazer, sentir (processamento simbólico) ou ser. A metafunção interpessoal envolve as relações sociais com respeito à função da oração no diálogo, e refere-se a dar ou pedir informação ou bens e serviços. Finalmente, a metafunção textual organiza os significados ideacional e interpessoal de uma oração retrabalhando quais os significados que são representados no começo ou no final da oração. Cada variável de registro estabelece possibilidades na língua – Martin (1991, p. 125) refere-se a esse conjunto de probabilidades como a “colocação de significados em risco”. Mais especificamente, o campo coloca os significados *ideacionais* em risco, as relações põem os significados *interpessoais* em risco, e o modo coloca os significados *textuais* em risco.

Há também um terceiro contexto – o **ideológico**, que mais recentemente tem sido abordado pela GSF. A ideologia ocupa um nível superior de contexto, referindo-

se a posições de poder, a vieses políticos e a suposições sobre valores, tendências e perspectivas que os interlocutores trazem para seus textos, e tem chamado a atenção dos sistemicistas, na medida em que, em qualquer registro, em qualquer gênero, o uso da língua será sempre influenciado por nossa posição ideológica.

A seguir trato da noção de Avaliatividade, uma proposta de Martin (2000) que proporcionou um aumento no poder analítico da metafunção Interpessoal.

2.3 A Avaliatividade

Na GSF, diz Martin (2000), o sistema Interpessoal tem sido gramatical em sua base, funcionando no nível da oração, em que *Mood* e Modalidade servem como pontos de partida para o desenvolvimento de modelos (da função de fala, estrutura de troca etc.) (HALLIDAY, 1984; VENTOLA, 1987). A tradição-baseada-na-gramática tem focalizado o diálogo como uma troca de bens e serviços ou de informação. O que tendeu a ser omitido pelas abordagens da GSF é a semântica da avaliação – como os interlocutores estão se sentindo, os julgamentos éticos que eles fazem e a apreciação estética de vários fenômenos de sua experiência. Nos exemplos do Quadro 6, é evidente que, em diálogos como esses, há mais que uma simples troca de bens e serviços ou de informação. Juntamente com modelos baseados-na-gramática, então, precisamos elaborar sistemas lexicalmente orientados que tratem também desses elementos.

Quadro 6: Exemplos de Avaliatividade

AFETO – emoções	
RITA	Eu <u>adoro</u> esta sala. Eu <u>adoro</u> aquela janela. E você <u>gosta</u> também?
FRANK	O quê?
JULGAMENTO – ética (avaliando comportamento)	
FRANK	E é o seguinte, entre você, eu e as paredes, eu sou na verdade um professor <u>péssimo</u> . Na maioria das vezes, veja, nem interessa realmente – dar aulas <u>péssimas</u> está bem para a maioria dos meus alunos <u>péssimos</u> .
APRECIÇÃO – estética	
RITA	Sabe, a Rita Mae Brown, que escreveu <i>Rubyfruit Jungle</i> ? Você leu esse livro? Ele é <u>fantástico</u> .

Fonte: Martin (2000)

Martin (2000) examina o léxico avaliativo que expressa a opinião do falante (ou do escritor) sobre o parâmetro bom/mau, como, por exemplo, em:

- (4) É inaceitável que o espírito de competição degenera em mortes.

Portanto, juntamente com modelos baseados na gramática, então, precisamos elaborar sistemas lexicalmente orientados que tratem também desses elementos, assim propondo o sistema de Avaliatividade (*Appraisal*).

Na Avaliatividade estão incluídos recursos graduáveis para a avaliação de pessoas, lugares e coisas de nossa experiência (ATITUDE), para ajustar nosso compromisso com o que avaliamos (COMPROMISSO) e para aumentar ou diminuir e aguçar ou suavizar a avaliação (GRADUAÇÃO).

Martin (2000) descreve a ATITUDE em termos de três dimensões: AFETO, JULGAMENTO e APRECIAÇÃO. AFETO é o recurso distribuído para construir respostas emocionais (“felicidade, tristeza, medo, ódio” etc.); JULGAMENTO é disposto para construir avaliações morais de comportamento (“ético, decepcionante, bravo” etc.); e APRECIAÇÃO constrói a qualidade “estética” dos processos semióticos do texto e fenômenos naturais (“notável, desejável, harmonioso, elegante, inovador” etc.) (MARTIN, 2000, p. 145-146). Coffin e O’Halloran (2006) falam em Avaliação Social, subcategoria de APRECIAÇÃO, que se refere à avaliação positiva ou negativa de produtos, atividades, processos ou fenômenos sociais. Veja resumo no Quadro 7.

Quadro 7: Recursos de Avaliatividade

AVALIATIVIDADE	ATITUDE	Afeto Julgamento Apreciação Avaliação Social	
	COMPROMISSO	Monoglóssico Heteroglóssico	
	GRADUAÇÃO	FORÇA	Aumenta Diminui
		FOCO	Aguça Suaviza

Fonte: Martin (2000)

O COMPROMISSO é um conjunto de recursos que capacita o escritor (ou o falante) a tomar uma posição pela qual sua audiência é construída como partilhando a mesma e única visão de mundo (Compromisso Monoglóssico) ou, por outro lado, a adotar uma posição que explicitamente reconhece a diversidade entre várias vozes (Compromisso Heteroglóssico), envolvendo (i) declarações monoglóssicas (sem negociação); (ii) declarações heteroglóssicas (modalizadas).

White (2003) distingue, no sistema de Compromisso, entre enunciados monoglóssicos (afirmações não dialogizadas) e enunciados heteroglóssicos ou dialogísticos (nos quais se sinaliza algum compromisso com posições alternativas/voz). Veja a proposta de White no Quadro 8.

Quadro 8: Compromisso – Resumo geral

<p>Compromisso Monoglóssico</p> <p>Não há possibilidades de posições alternativas, as proposições são declaradas de maneira absoluta. e.g. <i>Esta é uma situação desagradável.</i></p>	
<p>Compromisso Heteroglóssico</p> <p>Sinaliza algum compromisso com posições alternativas/voz. Mas, em geral, apresenta a proposição como sendo autoevidente, tal que nem precisaria ser afirmada pela voz textual, podendo ser deixada a cargo do leitor suprir o significado requerido.</p> <p>O termo “compromisso heteroglóssico” envolve duas amplas categorias: dialogicamente expansivos (possibilitam alternativas) ou dialogicamente contráteis (restringem as possibilidades).</p>	
<p>Expansão Dialógica</p>	<p>Contração Dialógica</p>
<p>I. <u>ACOLHE</u> [aceite modalizado] e.g. <i>Talvez seja uma situação desagradável.</i></p> <p>-----</p> <p>II. <u>ATRIBUI</u> [atribui a outro] (a) reconhecimento e.g. <i>O diretor afirmou que ...</i> (b) distanciamento e.g. <i>A Folha de SP afirmou ..</i></p> <p>-----</p> <p>III. <u>JUSTIFICA</u> [com avaliação, recomendação] e.g. <i>Essa situação baseia-se em dados questionáveis.</i></p>	<p>I. <u>PROCLAMA</u> [tenta convencer] (a) acordo e.g. <i>É claro que a situação ...</i> (b) pronunciamento e.g. <i>Eu contestaria que ...</i> (c) endosso e.g. <i>Como Solis – um pesquisador de renome – afirmou ...</i></p> <p>-----</p> <p>II. <u>REJEITA</u> [o mais contrátil] (a) negação e.g. <i>Novas leis não resolverão...</i> (b) oposição e.g. [...] <i>Mas nós já temos isso...</i></p>

Fonte: White (2003)

Importante é notar que uma ligação do sistema de Avaliatividade se faz por meio do conceito de redundância, segundo Martin, isto é, um fenômeno pode ser expresso com o uso de Processos diferentes, dependendo do contexto de uso. No exemplo do Quadro 9, a emoção provocada pelo filme pode recorrer para sua expressão tanto de um Processo Relacional quanto do Processo Mental.

Quadro 9: Redundância

<i>O filme era muito triste.</i>	<i>O filme me comoveu até as lágrimas.</i>
com processo Relacional + Apreciação	com processo Mental

2.3.1 Os tokens de ATITUDE

Quando a avaliação está explicitamente realizada, é fácil a análise da ATITUDE em positiva ou negativa em relação a algum evento: *Felizmente/Infelizmente, o Brasil desafiou os EUA na ALCA*. Mas o que fazer em casos em que a avaliação não está explícita, como em *O Brasil desafiou os EUA na ALCA*? Nesse caso, isto é, na ausência de um termo avaliativo explícito, o fato de o Brasil ter desafiado os EUA pode ser sentido como negativo por alguns, enquanto outros podem considerá-lo positivo, dependendo do contexto em que se produziu o enunciado. Esse fato levou Martin a postular uma distinção importante:

Quadro 10: Tipos de Avaliatividade

AVALIATIVIDADE	inscrita	avaliação explícita no texto (<i>menino brilhante, menino malvado</i>)
	evocada	avaliação projetada por referência a eventos ou estados que são ou não convencionalmente elogiados (<i>um menino que lê muito</i>) ou rejeitados (<i>um menino que arranca as asas da borboleta</i>)

Fonte: Martin (2000)

A Avaliatividade evocada é alcançada pelo enriquecimento do léxico de algum tipo por um ou mais trechos do texto e pode envolver uma inserção sutil de sentimento na sequência do evento. É o que Martin (2000) chama de *tokens* de ATITUDE – significados ideacionais saturados com significado interpessoal, avaliativo, e mais difíceis de “perceber” do que os inscritos porque seu significado é mais de transferência do que literal. Contudo, a Avaliatividade evocada é importante porque é o mecanismo primário pelo qual o texto se insinua nas atitudes do leitor. Além disso, a Avaliatividade tende a ser “prosódica”¹³, sobrepondo-se a outros significados avaliativos, não se limitando a um termo ou frase do discurso.

¹³ Prosódia é a construção do significado avaliativo por meio da soma da Avaliatividade presente em todo o texto.

2.3.2 A Avaliatividade e a Prosódia

Com referência à Avaliatividade, Martin (1992, p. 553-559) e outros systemicistas notaram que as realizações de significados interpessoais, incluindo modalidades e atitudes, tendem a ser mais “prosódicas” que as realizações mais segmentáveis e localizadas dos significados ideacionais. Para Lemke (1998), componentes redundantes, qualificadores e amplificadores ou restritivos, daquilo que é funcionalmente uma única avaliação, espalham-se através da oração ou da oração complexa ou, mesmo, de longos trechos de um texto. Ficará claro, assim, que as avaliações de proposições e propostas não são independentes, em longos textos, da avaliação de Participantes, Processos e Circunstâncias incluídos em Proposições e Propostas.

Lemke (1998) chama de **realização prosódica** a esse significado atitudinal que se estende pelo texto e que inclui: *a coesão avaliativa, a propagação sintática, a avaliação projetiva, a avaliação prospectiva e retrospectiva*, e sugere que esses significados avaliativos tenham um papel importante na análise do discurso da heteroglossia social e da identidade individual e coletiva. O autor examina um corpus constituído de editoriais.

Por outro lado, devido à existência de vários tipos de **nominalização** em certos registros, uma proposição (p. ex., “a confirmação chocou a população”) num ponto do texto pode tornar-se “condensada” (p. ex., “confirmação”) como um participante em outro trecho, e, vice-versa, participantes (especialmente nomes abstratos) podem ser “expandidos” pelo leitor em proposições implícitas através da referência a algum intertexto ou ao cotexto imediato (e.g. “João confirmou a denúncia”) (LEMKE, 1990).

A GSF dá apoio à chamada Linguística Crítica (FOWLER, 1991), que apresento a seguir.

2.4 A Linguística Crítica

O ponto teórico principal na análise de Fowler é de que *qualquer* aspecto da estrutura linguística carrega significação ideológica – seleção lexical, opção sintática etc. –, todos têm sua razão de ser. Há sempre modos diferentes de dizer a mesma

coisa, e esses modos não são alternativas acidentais. Diferenças em expressão trazem distinções ideológicas (e assim diferenças de representação).

Sabe-se que a linguística, segundo a ortodoxia predominante, é uma disciplina *descritiva*, que não prescreve o uso da língua nem avalia negativamente a substância de seus questionamentos. Mas, para Fowler, na medida em que há, sempre, valores implicados no uso da língua, deve ser justificável praticar um tipo de linguística direcionada para a compreensão de tais valores. Esse é o ramo que se tornou conhecido como **linguística crítica**.

A análise crítica está interessada no questionamento das relações entre signo, significado e o contexto sócio-histórico, que governam a estrutura semiótica do discurso, usando um tipo de análise linguística. Ela procura, estudando detalhes da estrutura linguística à luz da situação social e histórica de um texto, trazer para o nível da consciência os padrões de crenças e valores que estão codificados na língua – e que estão subjacentes à notícia, para quem aceita o discurso como “natural”. Não é um procedimento que automaticamente produz uma interpretação “objetiva”.

A seguir, trato da Expectativa Linguística, uma proposta de Ikeda (comunicação pessoal), em artigo que ainda será publicado.

2.5 A Expectativa Linguística

Uma fala é considerada fluente se propicia compreensão fácil, porque permite um rápido processamento cognitivo por parte do ouvinte e do leitor. Em termos gerais, a comunicação entre interlocutores que compartilham várias afinidades é mais bem sucedida do que a que envolve pessoas muito diferentes. Assim, falantes de línguas e culturas diferentes terão muito mais dificuldade de se entenderem do que aqueles que as têm semelhantes. Mas mesmo dentro de um mesmo país, as interlocuções podem se ressentir de dificuldades semelhantes. Esta questão interessa à presente pesquisa.

A expectativa linguística envolve a expectativa lexicogramatical que permeia a situação de comunicação: o falante tentando satisfazer a expectativa do ouvinte, e este aguardando que ela seja satisfeita, num processo que pode ser entendido como

o Princípio da Cooperação, de Grice (1975), numa vertente mais específica. Nós, brasileiros, diríamos, por exemplo, em japonês, o equivalente a: *Comprei umas terras do seu pai*. Eles diriam: *Seu pai partilhou suas terras comigo*. É evidente que assim como nós estranhamos esse modo de falar, eles também não se sentem à vontade com o modo direto e, principalmente, centrado no sujeito do falar brasileiro.

Pode-se, então, entender que muitos problemas de comunicação decorrem dessa diversidade de expectativas. Mas fenômeno semelhante acontece também entre falantes de uma mesma língua, caso não se respeite a cultura de determinados ambientes. Uma reunião acadêmica é um bom exemplo. Há um modo de “empacotar” as ideias numa reunião universitária, tanto é que se leva um tempo razoável para adquirir o modo linguístico adequado de participar desses encontros.

Em situação de comunicação, o ouvinte ou o falante aplicam um esquema, constituído por seu conhecimento lexical e sintático bem como o seu conhecimento de mundo ao texto com o qual entra em contato, e concomitantemente verifica se eles são confirmados ou não. O uso desse fato é aproveitado como forma de persuasão, pois a formulação do texto em termos familiares ao receptor contribui para que este aceite mais facilmente as ideias assim veiculadas (FOWLER, 1991).

Fillmore (1982) e Talmy (1996) chamam de *frame* o conceito ou fenômeno que pode ser específico a uma língua ou a um conjunto de línguas e pode ser determinado apenas dentro de um contexto sociocultural específico. Os frames são estruturas cognitivas dependentes de contexto e de cultura. Segundo Shibatani (1996), para entendermos o papel do esquema gramatical na codificação de situações, devemos supor que os falantes as veem em termos de esquemas específicos que provêm um tipo de molde através do qual uma situação é vista. Se a cena coincide ou se aproxima do esquema, ela será codificada de acordo com o padrão estrutural do esquema; caso contrário, a codificação resultará numa expressão de aceitabilidade reduzida. Essa teoria, se bem desenvolvida, coloca o falante em posição ativa na apreensão e na codificação gramatical de eventos, e ao mesmo tempo provê um arcabouço no qual os julgamentos gramaticais são naturalmente caracterizados em termos de correspondência entre situações e esquemas através dos quais eles são vistos.

Há atualmente um retorno à visão whorfiana de que a relação entre língua, pensamento e realidade é tão importante que a linguística não pode deixar de levá-

la em conta em suas considerações. A função central da língua é a construção de mundos conceituais ou realidades conceituais. Podemos distinguir aqui duas versões: a forte, para a qual a estrutura oracional seria semelhante em qualquer língua, e que o mesmo (ou quase o mesmo) espectro de fenômenos objetivos seria tratado como um evento conceitual único, codificado por orações únicas, em todas as línguas; e a fraca, para a qual haveria apenas um grau de correspondência entre as línguas nesse particular, com condições de variados tipos: apenas um núcleo de eventos conceituais seriam universais, e os demais seriam específicos de cada língua; apenas algumas características de eventos típicos e objetivos seriam universais, escolhidas para codificar estruturas oracionais, enquanto outras receberiam tratamento variável, sendo mencionadas em algumas línguas e não em outras, ou ocupariam mais de uma oração em algumas línguas; os constituintes básicos de uma estrutura oracional variariam de alguma forma entre as línguas.

Como vimos, a maneira de recortar o mundo difere de cultura em cultura, mas o modo como se conhece o mundo é igual para todas, ou seja, o encontro de um sujeito com um objeto (p. ex. *eu vejo uma flor*). Porém, enquanto o português adota a ordem SVO (sujeito – verbo – objeto), o japonês adota a ordem SOV (*watashi wa hana o mimassu* – eu flor vejo), fato que as diferencia em termos de tipologia linguística (cf. SLOBIN, 1980).

Nesse contexto, apresento, a seguir, a relação entre a GSF e o cognitivismo.

2.6 O Cognitivismo e a GSF

A abordagem cognitiva surgiu, nos anos 1970, como uma reação à abordagem predominantemente formalista, essencialmente Chomskyana. Na visão geral do empreendimento da LC, Evans, Bergen e Zinken (2007a, p. 2) enfatizam a relação próxima entre o desenvolvimento da LC e o trabalho em outras ciências cognitivas, particularmente a psicologia cognitiva, esta sendo especialmente evidente no trabalho de categorização humana. Particularmente influente quando o movimento ganhou chão dos anos 1980 em diante foram a Gramática Cognitiva de Langacker (1987, 1991) e o trabalho de Lakoff e seus colegas sobre a difusão da metáfora na nossa linguagem do dia a dia (i. e.

LAKOFF; JOHNSON, 1980) e sobre categorização e Modelos Cognitivos Idealizados (LAKOFF, 1987), embora o trabalho de outros como Taylor, Talmy e Fauconnier também fossem de grande importância.

Crucialmente, essas abordagens orientadas cognitivamente são baseadas no uso, na medida em que enfatizam a importância do uso no tratamento das propriedades do sistema linguístico e como ele é adquirido. Elas sugerem que a gramática do falante é destilada de um grande número de eventos de uso aos quais o falante é exposto e dos quais participa.

A posição tomada por Halliday e Mathiessen contrasta fortemente com a representada na caracterização da ciência cognitiva tradicional. Sua abordagem, tanto na teoria quanto no método, está contrapõe-se à abordagem da ciência cognitiva: tratamos a “informação” como significado em vez de como conhecimento, e interpretamos a linguagem como um sistema semiótico, e mais especificamente como a semiótica social, e não como um sistema da mente humana. Essa perspectiva nos leva a colocar menos ênfase no indivíduo do que seria típico de uma abordagem cognitiva típica; ao contrário de pensar e conhecer, pelo menos como são tradicionalmente concebidos, o significado é um processo social, intersubjetivo. Se a experiência for interpretada como significado, sua interpretação se torna um ato de colaboração, às vezes de conflito e sempre de negociação (HALLIDAY;1999).

Não constitui surpresa, em vista dessa posição de orientação fortemente ideológica de muito trabalho no modelo de Sydney de GSF e suas ligações com a Análise de Discurso Crítica, que a linha tomada por Halliday e Mathiessen serve basicamente para desconstruir o discurso da ciência cognitiva clássica. Sua estratégia é comparar os construtos da experiência no domínio mental, primeiramente no “modelo popular” empregado na conversa do dia a dia e em seguida no discurso da ciência cognitiva. Por meio de uma análise da metáfora gramatical em textos da ciência cognitiva, eles concluem que “enquanto o domínio da teorização científica sobre a cognição é determinado pela gramática de processos do sentido, o modelo é despersonalizado, e o sentido é construído metaforicamente em termos de ‘coisas’ abstratas tais como conhecimento, memória, conceitos” (p. 595), e que “o ‘modelo científico’ na principal corrente da ciência cognitiva está centralmente preocupado com informações localizadas na mente individual” (p. 56). Eles tomam isso como evidência de que a ciência cognitiva é

basicamente uma extensão do modelo popular, e não uma alternativa científica. Halliday e Mathiessen (p. 599) também rejeitam o que veem como uma ênfase em fatores motivacionais inconscientes na ciência cognitiva, argumentando que processos inconscientes não se espelham no sistema de tipos de processos na língua.

Ligações interessantes entre a GSF e a LC já foram feitas por estudiosos trabalhando na Bélgica. Particularmente importante aqui, como foi reconhecido por Matthiessen (2007, p. 835), são linguistas associados à Universidade de Leuven e à Universidade de Ghent. Membros do grupo de Leuven de Linguística Funcional estão preocupados em descrever categorias linguísticas em termos de relações forma-função e tentam integrar explicitamente as perspectivas funcional e cognitiva, usando corpora como fontes de dados e adotando uma orientação baseada no uso. Muito do trabalho inicial de Kristin Davidse, em particular, era fortemente enraizado na GSF (ver, por exemplo, DAVIDSE, 1991). Grande parte desse trabalho preocupava-se com a análise semântica de tipos de construção (alterações transitivas/ergativas, bitransitivas, clivadas etc.) de um modo que, cada vez mais, combinava percepções da GSF e de outras abordagens, incluindo a LC.

O trabalho de Davidse e do grupo como um todo também investigou um número de aspectos do significado interpessoal, utilizando-se não somente da GSF hallidayana, mas também da Gramática Cognitiva, de Langacker. Por exemplo, Davidse (1997, 1998), em uma discussão da distinção entre categorias como agente, paciente e dativo, por um lado, e sujeito, objeto direto e objeto indireto, por outro lado, baseia-se no conceito de Langacker de instanciação de tipo, mas o reinterpreta nos termos da abordagem interpessoal de Halliday sobre o nível sujeito-objeto da organização. Também altamente relevante é o trabalho de Miriam Taverniers, em Ghent, que se apoia no de Davidse e argumenta que cada um dos quatro tipos de propriedade que foram atribuídos à categoria de sujeito (predicação, mood — modo —, voz/diátese e tema) podem ser explicados nos termos do conceito de instanciação da Gramática Cognitiva (TAVERNIERS, 2005).

Uma outra área em que tem havido interpenetração fecunda da GSF hallidayana e da Gramática Cognitiva é a da metáfora gramatical. Aqui, novamente o trabalho de Taverniers (2002, 2004, 2006) é central ao ligar esse conceito-chave da GSF hallidayana à Gramática Cognitiva, de Langacker, por meio da noção de

escopo duplo e fundamentação dupla. Assim também o trabalho de Liesbet Heyvaert sobre a nominalização como um tipo especial de metáfora gramatical é fortemente funcional-cognitivo em sua natureza (ver, p. ex., HEYVAERT, 2003a, 2003b). Holme (2003), trabalhando no Reino Unido, também faz ligações entre a GSF e a LC nessa área. Ele nota que as duas abordagens diferem consideravelmente, já que a LC preocupa-se com as conceitualizações subjacentes às metáforas, enquanto a GSF foca nos aspectos sociais do significado. Todavia, ele sugere que a metáfora gramatical pode ser vista tanto como um modo no qual a linguagem responde à pressão contextual quanto como uma instanciação de conceitualizações derivadas de esquemas de imagens.

As áreas mais óbvias de interesse comum entre GSF e LC são a categorização e o construto, por um lado, e realização, por outro. No que diz respeito à categorização e ao construto, vemos que a GSF tem se interessado principalmente nos modos pelos quais significados são construídos em textos naturais, e não tanto nos processos cognitivos envolvidos. A LC, como se deve esperar, desenvolveu considerações que, afirma-se, seriam psicologicamente plausíveis, apesar de termos visto que há menos confiança no teste dessas afirmações do que seria esperado. As orientações das duas abordagens são, portanto, complementares, de algum modo. Vimos que a personificação é agora um termo principal não apenas na GSF, mas também na LC e na ciência cognitiva de modo mais geral, e que as primeiras interpretações de categorização e de construto na base de modelos de ciência cognitiva clássicos estão agora sendo reinterpretadas em termos de modelos que se baseiam na incorporação como uma noção central, e que recebem forte suporte empírico da psicolinguística e de outras disciplinas dentro da ciência cognitiva. Parece haver um escopo considerável aqui para um diálogo produtivo.

2.7 A Funcionalidade dos Atos de Fala Indiretos

A negociação do significado nem sempre é imediata e clara entre os interlocutores. Emergem, no jogo interativo, formas linguísticas indiretas que se moldam e se estruturam a serviço do propósito comunicativo (FORD, 1994).

Holtgraves (1998), ao estudar os fundamentos do ato indireto conversacional, diz que o ato indireto parece ser motivado, na maioria das vezes, por considerações interpessoais, pela sensibilidade mútua dos participantes aos pensamentos e sentimentos do outro. Em outras palavras, o ato indireto é um recurso que visa à polidez, ao gerenciamento de face dos interlocutores na interação.

2.7.1 A Teoria da Polidez

A teoria da polidez está relacionada a princípios que regem a interação verbal e consiste na posição tomada pelo falante em relação a seu interlocutor e ao conteúdo proposicional do ato de fala que profere (BROWN; LEVINSON, 1987). Brown e Levinson (1987) dizem que a teoria da polidez está pressuposta em todas as sociedades, não importando as variações de interpretação a ela dadas nos grupos e nas diferentes situações.

A noção de polidez postulada pelos autores associa o princípio da polidez às noções de face e de trabalho de face desenvolvidas por Goffman (1967). Face, de acordo com o autor, é a exposição pública do self – imagem pública que qualquer indivíduo quer preservar na interação –, e trabalho de face refere-se às comunicações designadas para criar, apoiar ou desafiar essa face. De acordo com Goffman (1967), a combinação de duas regras – a regra do respeito próprio e a regra de consideração pelo outro – faz com que uma pessoa tenda a portar-se, em um encontro, de modo a manter tanto a própria face como a face dos demais participantes.

Com base na noção de face de Goffman (1967), Brown e Levinson desenvolveram as noções de face positiva e face negativa. Face negativa se refere à reivindicação básica de território, de resguardo pessoal, de direitos de não ser perturbado, isto é, o desejo do falante/ouvinte de liberdade de ação e de liberdade em relação à imposição, de não ser impedido em suas ações. Face positiva diz respeito à própria imagem ou personalidade consistentemente positiva, isto é, o desejo do falante/ouvinte de apreciação e de aprovação dessa imagem pelos interlocutores.

Dadas as suposições de universalidade de face e racionalidade, Brown e Levinson (1987) introduzem a noção de atos intrinsecamente ameaçadores de face (AAFs), que são aqueles que entram em choque com os desejos de manutenção de face dos participantes de uma interação. Os atos que ameaçam a face negativa do ouvinte são aqueles em que o falante impede a liberdade de ação do ouvinte, tais como ordem e pedido, sugestão, conselho, lembrete, ameaça, aviso, oferecimento, promessa, cumprimento e expressão de inveja ou de admiração.

Os atos que ameaçam a face positiva do ouvinte são aqueles em que o falante não se importa com os sentimentos e desejos do ouvinte, tais como: expressão de desaprovação, crítica, desprezo, ridículo, queixa ou reprimenda, acusação, insulto, contradição ou desacordo, desafio, expressão violenta de emoções (para o ouvinte temer ou ficar embaraçado), irreverência, menção de tópicos-tabus, más notícias sobre o ouvinte ou boas do falante, falar sobre tópicos perigosos ou que causem cisão, atitude não colaborativa (interromper o ouvinte, mostrar falta de atenção), uso de vocativos ou nomes identificadores de status.

Os autores ressaltam que alguns desses itens podem pertencer tanto a uma como a outra categoria. Num contexto de vulnerabilidade mútua de face, porém, qualquer ator racional tentará evitar esses AAFs ou empregará estratégias para minimizar a ameaça. Em outras palavras, o falante toma sua decisão de como proceder a partir dos desejos de comunicar o conteúdo do AAF; de ser eficiente e urgente; e de manter, de algum modo, a face do ouvinte.

A ação minimizadora é aquela que “dá a face” ao ouvinte, isto é, que tenta se contrapor ao dano potencial de face de um AAF, fazendo-o de tal forma, ou com tais modificações ou adições, que indiquem claramente que o falante não pretende ou não deseja tal AAF e que ele reconhece os desejos de face do ouvinte, e ele mesmo, o falante, quer que estes sejam atingidos. Quando este segundo modo de realização ocorre, o falante pode fazer uso de dois tipos de polidez: polidez positiva (orientada para a face positiva do ouvinte) ou polidez negativa (orientada para satisfazer parcialmente – minimizando – a face negativa do ouvinte, seu desejo básico de manter a reivindicação de território e de autodeterminação).

Importante nesse processo é o conceito de **alinhamento** (*footing*) (GOFFMAN, 1998). Segundo o autor, o alinhamento representa a postura, a posição, a projeção do “eu” de um participante na sua relação com o outro, consigo

mesmo e com o discurso em construção. Os alinhamentos expressam a maneira como os interactantes gerenciam a produção e a recepção de uma elocução em um encontro social.

2.8 A intersubjetividade

Kärkkäinen (2006) afirma que a atitude no discurso não é a apresentação linguística transparente de “estados internos” de conhecimento, mas emerge da interação dialógica entre interlocutores. Assim, a atitude é mais apropriadamente vista de um ponto intersubjetivo, e não, primordialmente, como uma dimensão subjetiva da linguagem. Kärkkäinen (2006) trata de um fato aceito na antropologia linguística e na análise da conversa: de que os significados são coconstruídos e sociais por natureza.

Quando a perspectiva avaliativa, afetiva e epistêmica do falante se reflete em suas escolhas linguísticas, estamos falando da função expressiva, emotiva, afetiva ou atitudinal da linguagem, em oposição à função referencial, cognitiva ou descritiva. As pesquisas estão começando a mostrar que não somente as categorias gramaticais, como termos dêiticos, modo, modalidade, tempo verbal e evidências são índices do ponto de vista ou atitude do falante, mas também que o nosso uso da linguagem diária é inerentemente subjetivo, em muitos, senão na maioria, dos casos.

Ochs e Schieffelin (1989, p. 22) propõem que o afeto permeia o sistema linguístico inteiro, tanto que os recursos linguísticos para a avaliação afetiva e epistêmica incluem não somente o léxico, mas também as estruturas gramaticais e sintáticas (e.g. escolha de pronomes, determinantes, voz verbal, tempo e aspecto verbais, advérbios sentenciais, modalizações, construções clivadas (*cleft sentences*), diminutivos, aumentativos, quantificadores, ordem de palavras, feições fonológicas e estruturas discursivas (*code-switching* instanciadas por palavras-tabu, dialeto, repetição de enunciado alheio).

É também, em geral, o caso de que os participantes não tratam da fala prévia puramente em seus próprios termos, mas eles a endereçam de um modo que seja relevante para seus propósitos subsequentes (GOODWIN; GOODWIN, 1987, p. 4).

Como resultado, os participantes podem construir avaliações, modificando a avaliação imediatamente copresente de um interlocutor dialógico (DU BOIS, 2000).

O tipo mais comum de marcador epistêmico no inglês americano é *Eu acho* (*I think*). O marcador epistêmico sempre foi considerado como prototipicamente subjetivo. Outros marcadores são as frases epistêmicas: ele disse, não sei, eu acho, eu penso; advérbios epistêmicos: talvez, provavelmente, aparentemente, naturalmente; e auxiliares modais epistêmicos: *would, must, might, could, will, may*.

Outro achado consistente é que a avaliação epistêmica ocorre predominantemente no início, i.e., antes do conteúdo em foco, motivado por razões da interação entre os participantes da conversa. Notemos que o tratamento anterior das funções interacionais de *Eu acho* o consideraram exclusivamente dentro do enquadre da polidez linguística; como um *hedge*¹⁴ sobre a força ilocucionária dos enunciados, mostrando respeito aos desejos da face negativa do ouvinte ou a necessidade de o falante adulto evitar a imposição do outro. Mas não é essa a única função de *Eu acho*.

Kärkkäinen (2006) considera uma visão de avaliação mais dialógica, dinâmica e emergente – considerando-a mais como uma característica da língua intersubjetiva do que subjetiva. Ela se baseia no trabalho de Du Bois (2000, 2002, 2004), que advoga a noção de avaliação envolvendo não somente a dimensão subjetiva, mas também o compromisso intersubjetivo com outras subjetividades: “sem a intersubjetividade, a subjetividade é inarticulada, incoerente, disforme” (DU BOIS, 2004). Hunston e Thompson (2000, p. 143) também afirmam que “a expressão da atitude não é, como se costuma dizer, simplesmente uma questão pessoal – o falante “comentando” sobre o mundo – mas uma questão interpessoal em que a razão básica para adiantar uma opinião é induzir a resposta solidária do endereçado”.

2.9 O Marcador Metadiscursivo

O conceito de metadiscurso (MD) deriva do postulado de que as pessoas usam a língua não somente para expressar significado ideacional, i.e., significado

¹⁴ *Hedge*: palavras (normalmente, adjetivos ou advérbios) ou orações utilizadas para atenuar o impacto de um enunciado.

baseado na informação sobre o mundo, mas também para complementar esse significado com outras dimensões do significado linguístico (SCHIFFRIN, 1980; DEGAND, 2008). Coates (1987) critica o fato de os estudos sobre significados linguísticos não referenciais serem escassos ou não receberem a devida atenção.

O MD tem sido definido como “o termo que envolve expressões autorreflexivas, usado para negociar significados interacionais no texto, auxiliando o escritor (ou o falante) a expressar seu ponto de vista e a interagir com os leitores como membros de uma dada comunidade” (HYLAND, 2005, p. 37).

O conceito de MD envolve: marcadores de coerência, marcadores lexicais, operadores discursivos, conectivos discursivos, conectivos pragmáticos, conectivos sentenciais, instrumentos sinalizadores de discurso ou até mesmo “particulazinhas incômodas” (GRIMES, 1975 *apud* TABOADA, 2006). Esses elementos abrangem instrumentos coesivos com função interpessoal, garantindo a interação entre escritor e leitor. Thompson e Thetela (1995) atribuem três funções a esses elementos: (a) **pessoal**, que expressa o posicionamento do escritor; (b) **interacional**, que atua no gerenciamento das relações entre escritor e leitor; e (c) **interativa**, com instrumentos que guiam o leitor através do texto.

2.10 A abordagem linguística aos estudos de tradução

Desde os anos 1950 e 1960, segundo Ming (2007), o desenvolvimento na teoria linguística tem promovido o desenvolvimento da teoria da tradução. O importante trabalho de estudiosos da tradução baseado na linguística, como Mona Baker, Roger Bell, Basil Hatim, Ian Mason, Kirsten Malmkjaer, Katharina Reiss, Hans Vermeer e Wolfram Wilss, para citar alguns dos mais conhecidos, contribuiu muito para quebrar as barreiras entre disciplinas e tirar os estudos de tradução de uma posição de possível confronto (cf. BASSNETT, 1980, 2004). Nida (2001, p. 244) uma vez afirmou que alguns estudiosos abordaram a questão da tradução do ponto de vista das diferenças linguísticas entre os textos fonte e alvo. Bell (1991) assim argumenta: “É difícil ver como teóricos da tradução podem ir além da avaliação subjetiva e normativa de textos sem se basear fortemente na linguística”. Nos anos 1960, durante o súbito crescimento das teorias linguísticas estritamente científicas,

linguistas falantes do inglês também desenvolveram abordagens teóricas para a tradução. Na Inglaterra, Catford (1965) aplicou a gramática sistêmica de Halliday à teoria da tradução, e proveitosamente categorizou mudanças de tradução entre níveis, estruturas, classes de palavras, unidades e sistema.

A tradução é um processo de transformação do texto originalmente em uma língua em um texto equivalente em outra língua. Compreender a natureza e a regra de uso da língua é essencial para a tradução, e, por isso, a teoria linguística desempenha um papel muito importante no desenvolvimento da teoria da tradução. Sem a orientação da teoria linguística seria difícil para a teoria da tradução ser sistematizada e teorizada, apesar de o processo da tradução estar envolvido com muitas questões não verbais relacionadas a duas línguas diferentes, i.e., as diferentes tradições da filosofia, estética e cultura escritas em línguas diferentes. O estudo da teoria da tradução se beneficiaria da teoria da GSF, apesar de a GSF não ser uma teoria de tradução especializada. Além disso, alguns artigos que apareceram nos últimos periódicos mostram que o arcabouço teórico da GSF pode ser aplicável ao campo de estudos da tradução, especialmente as diferentes versões traduzidas de antigos poemas chineses (HUANG, 2002, 2004, 2006; LI, 2007).

2.11 A abordagem da LSF para estudos de tradução

Halliday (1994, 2000, p. 16) argumenta que “a língua é um recurso para construção de uma fonte indefinidamente expansível do potencial do significado”. Essa visão da língua como sistema com potencial de significado implica que língua não é um sistema bem definido, não é “o conjunto de todas as frases gramaticais”. Também implica que a língua existe e portanto deve ser estudada em contexto. As escolhas disponíveis dependem de aspectos do contexto em que a língua está sendo usada. Como a língua é vista como um potencial semiótico, a descrição da língua é uma descrição de escolha. A GSF é estabelecida principalmente para a análise textual. Fairclough (1995, p. 10) vê a gramática da GSF como “uma teoria textualmente orientada preocupada em produzir descrições gramaticais que sejam usáveis em análises textuais”. A língua é funcional no sentido de que é projetada para explicar como a língua é usada, e a língua evoluiu para satisfazer necessidades

humanas, e o modo como é organizada é funcional com respeito a essas necessidades (cf. Halliday, 1994, 2000).

2.11.1 A função interpessoal e a tradução

Usamos a língua para interagir com outras pessoas, para estabelecer e manter relações com elas, para influenciar seu comportamento, para expressar nosso próprio ponto de vista sobre coisas no mundo e para descobrir ou mudar o delas (THOMPSON, 1996, 2000). O significado interpessoal preocupa-se com a interação entre falante e ouvinte, manifestado principalmente no nível da oração por **mood, modalidade e avaliação**, que existem em qualquer tipo de discurso porque os significados interpessoais são o núcleo do discurso. Em outras palavras, a função interpessoal – a oração como troca – revela os papéis do discurso como interação, em que “dar” implica receber, enquanto “pedir” implica dar uma resposta. O tipo de interação, se combinado com “bens e serviços” e com “informação”, formaria as quatro funções primárias do discurso: oferta, comando, afirmação e pergunta.

Ao fazer seleções na área do sistema de **mood**, o falante adota um papel no discurso e atribui um papel complementar ao ouvinte – papéis tais como ofertante e aceitante ou rejeitador da oferta; comandante e obedecedor; questionador e respondente. No entanto, a organização do sistema de **mood** e a realização das várias opções diferem de uma língua para outra. Por exemplo, o grau de categoria gramatical correspondente a comandos é variável: pode ou não haver uma forma distinta de imperativo, e mesmo quando há, geralmente há muitas outras realizações possíveis.

A **modalidade** também é um dos importantes recursos para construir significados interpessoais. Halliday (1994, 2000) estabeleceu uma rede sistêmica para a modalidade, que contém várias categorias como: tipos de modalidade (modalização e modulação), orientações em modalidade (subjativa e objetiva; explícita e implícita), valores de modalidade (alta, média e baixa) e polaridade (positiva e negativa).

A **avaliação**, um tipo de significado interpessoal, é digna de ser investigada no decurso da tradução. A avaliação é uma parte central do significado de qualquer

texto, que qualquer análise dos significados interpessoais de um texto deve levar em consideração (THOMPSON, 1996, 2000). A teoria da avaliação é desenvolvida em Martin e Rose (2003), em que a Avaliatividade, que se refere à avaliação, é discutida de modo detalhado. A teoria da Avaliatividade que se refere aos recursos linguísticos pelos quais textos ou falantes se expressam divide os recursos avaliativos em três domínios semânticos amplos: **atitude**, **compromisso** e **gradação**, que respectivamente possuem seus próprios subtipos. O sistema avaliativo construído por Martin e Rose (2003) nos oferece uma base prática e teórica, de acordo com a qual os significados avaliativos de itens lexicais podem ser identificados e analisados no processo da tradução. De algum modo, é necessário que o tradutor escolha itens lexicais apropriados com a ajuda da teoria da Avaliatividade para reproduzir aproximadamente os significados avaliativos implícitos pelos elementos correspondentes linguísticos da LF.

Apresento o Quadro 11, que resume os tópicos principais da teoria que embasa minha análise.

Quadro 11: Resumo das teorias

Análise de cunho crítico com apoio teórico-metodológico da GSF
Categorias de Análise
GSF: Metafunção Interpessoal Avaliatividade e Modalidade
Polidez Atos de fala indiretos Intersubjetividade Marcador Discursivo

3 METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como uma análise qualitativa com tratamento interpretativo. Para Moita Lopes (2001), a análise interpretativa é um procedimento que tem encontrado grande respaldo e preferência por parte dos pesquisadores em Linguística Aplicada, por entenderem o modelo como revelador de um conhecimento que não está ao alcance da tradição positivista de pesquisa, por basear-se em perspectivas fenomenológicas, hermenêuticas e interacionistas.

3.1 Dados

Transcrição de trecho das entrevistas em inglês para o Programa *Late Night Show with David Letterman*, no canal CBS. As entrevistas são as seguintes:

- (a) Participantes: David Letterman, entrevistador; Julia Roberts, atriz.
Entrevista exibida pelo canal brasileiro GNT no dia 12 de agosto de 2010.

- (b) Participantes: David Letterman e Julianna Margulies, atriz.
Entrevista exibida pelo canal brasileiro GNT no dia 3 de junho de 2011.

As legendas em português da entrevista foram transcritas de acordo com o vídeo disponibilizado pelo site da emissora GNT.

3.2 Procedimentos de Análise

Considerando o objetivo da pesquisa – a comparação das escolhas lexicogramaticais que envolvem a polidez e o posicionamento avaliativo entre o falante nativo do inglês em conversas casuais e a tradução feita em português para apresentação em programa de TV – e devendo responder às perguntas: (a) Que diferença existe entre falantes do inglês e do português em relação à polidez? (b) Que papéis exercem a Modalidade e a Avaliatividade nesse processo?, a análise das entrevistas segue os seguintes passos:

- (a) Coloco trechos do original em inglês ao lado da tradução em português para fins de comparação.
- (b) Marco com **negrito sublinhado** as escolhas referentes ao significado interpessoal excedentes nessa comparação, isto é, as porções incluídas no original que não aparecem na tradução, ou vice-versa.
- (c) Esses significados interpessoais serão analisados em termos da Modalidade e da Avaliatividade.
- (d) Em espaço ao lado da análise, coloco a letra que indica o tipo da análise feita.
- (e) Marco com *itálico* as escolhas referentes ao Mood.
- (f) A seguir, em espaço próprio, será discutida a análise feita.

Veja a seguir o Quadro 12, que apresenta a codificação dessa análise.

Quadro 12: Codificação utilizada na análise

↑	Aumento Intensidade avaliativa
↓	Diminuição da Intensidade avaliativa
S/N	Polaridade (sim ou não)
MM	Marcador Metadiscursivo
R	Repetição
G	Graduação
Af	Afeto
Ap	Apreciação
+/-	Avaliatividade positiva ou negativa

Veja um exemplo, no diálogo entre D (David Letterman) e JR (Julia Roberts):

Quadro 13: Exemplo de análise

	Inglês	Português	
S R	D: <u>You do the show, you do</u> part of Polaridade SIM the movie in New York, and then you go to India.	D: Você fez parte do filme em NY, depois foi à Índia.	
G	JR: No, then we <u>actually</u> went to Italy. Apreciação (↑)	JR: Não, fomos à Itália.	
<p>Discussão: O original em inglês apresenta mais informações referentes à metafunção Interpessoal: Uma Polaridade (SIM), ou seja, uma afirmação monoglóssica, sem negociação; uma Apreciação com a intensidade aumentada.</p>			

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Início a análise da entrevista (a) com David Letterman e Julia Roberts, comparando as escolhas lexicogramaticais que envolvem a polidez e o posicionamento avaliativo entre o falante nativo do inglês em conversas casuais e a tradução feita em português para apresentação no programa de TV *Late Night Show with David Letterman*, do canal brasileiro GNT. Em seguida analiso a entrevista (b) com David Letterman e Julianna Margulies.

4.1 Análise da entrevista de David Letterman com Julia Roberts

Início a análise com a entrevista dada pela atriz Julia Roberts no programa de TV *Late Night Show with David Letterman* para divulgação do filme *Comer, Rezar, Amar*.

	Inglês	Português	
S R	D: You do the show, you do part of Polaridade SIM Repetição the movie in New York, and then you go to India.	D: Você fez parte do filme em NY, depois foi à Índia.	
S MM	JR: No, then we actually went to Italy. MM Polaridade SIM	JR: Não, fomos à Itália.	
MM	D: Oh , that's right. MM	D: Isso mesmo.	
	JR: You gotta eat something. Interlocutor	JR: Precisávamos comer. Interloc.+falante	
MM	D: So the kids were in Italy MM and Italians love kids	D: As crianças estavam na Itália. Italianos adoram crianças. Deve ter sido ótimo.	
MM	so that must have been a great MM experience.		

MM	JR: <u>Listen</u> , everybody loves kids. MM	JR: Todo mundo adora criança.
MM G	D: <u>Right</u> , but Italians <u>really, really</u> MM Apreciação (↑)	D: E os italianos adoram mais ainda.
	JR: Wanna pinch them.	JR: Gostam de beliscar.
	D: The kids loved Italy?	D: As crianças adoraram a Itália?
R	JR: Loved it. <u>Loved it.</u> Repetição	JR: Adoraram.
	D: No trouble, everything good?	D: Foi tudo bem?
	JR: Pizza, galore, pasta, galore.	JR: Muita pizza, muita massa.
R	D: I know, <u>I know</u> , it's fantastic. Repetição	D: É fantástico.
G	JR: <u>Just</u> like a little pea. Apreciação (↓)	JR: E uma ervilhazinha.

Discussão: Indiquei com **negrito sublinhado** o conteúdo Interpessoal quando diferente entre as duas versões.

Podemos observar 6 ocorrências de MM (Marcador Metadiscursivo) no original, mas nenhuma em português. O original apresenta mais marcas de ênfase: 3 repetições enfáticas além de 2 Polaridades SIM.

Portanto, o original contém maior volume de significado Interpessoal do que a tradução, o que equivale a dizer que o falante posiciona-se mais no discurso e também leva mais em conta o interlocutor:

6 Marcadores Metadiscursivos

3 Repetições

<p>2 Polaridades SIM (ou seja, afirmações monoglóssicas, sem negociação)</p> <p>2 Graduações</p>			
R G	<p>D: Did you... did you... put on a Repetição little... You didn't put on. Apreciação (-)(↓)</p>	<p>D: Você engordou? Não engordou nada. Apreciação (+)(↑)</p>	G
MM Af(+)	<p>D: 'Cause I know you have that MM problem with your veins. You gotta be Interlocutor careful what you eat. So sorry. Afeto (+)</p>	<p>D: Sei que teve problema com as veias. É preciso Sem interlocutor ter cuidado com o que come.</p>	
	<p>JR: Oh God. I have a problem with one vein, that's in the middle of my head.</p>	<p>JR: Meu Deus! Tenho problema com uma veia, no meio da cabeça.</p>	
Ap(+)	<p>D: You're good. Apreciação (+)</p>	<p>D: Nada de errado. Apreciação (-) <i>token</i></p>	Ap(-)

Discussão: O original em inglês apresenta mais informações referentes à metafunção Interpessoal não presentes na versão em português:

1 Repetição

1 Graduação (diminuindo a intensidade de uma Apreciação)

1 Marcador Metadiscursivo indicando causa (para suavizar a fala de maneira heteroglóssica, recurso que aumenta a polidez da fala)

1 Afeto (aumentando a polidez de David Letterman)

1 Apreciação (positiva, no original, traduzida como Apreciação negativa – token. As duas versões apresentam o mesmo significado do original em inglês: com Avaliatividade de Apreciação (+) “good” no original, mas com Apreciação (-) *token*, “errado” na tradução com dupla negação, resultando em afirmação)

A estrutura com sujeito indeterminado da legenda confere à tradução um distanciamento do leitor.

Em uma das únicas situações em que a legenda apresenta mais elementos avaliativos do que o original, a oração “Não engordou nada” traz uma Graduação da Apreciação positiva que não ocorre no inglês, o que enfatiza o fato de Julia Roberts não ter engordado.

	D: You shot in Rome?	D: Filmaram em Roma?	
R	JR: <u>We shot in Rome.</u> Repetição	JR: Sim.	
R	D: <u>You shot</u> in Naples as well? Repetição	D: Em Nápoles também?	
R	JR: <u>We shot in Naples</u> , that's where Repetição	JR: Também, foi onde comemos pizza. Sei que leu o livro e que está marcado no seu criado-mudo.	
R	we went to eat pizza. I'm sure you read the book, <u>I'm sure</u> it's well dog-eared on your bedside table. Repetição		
	D: I saw the movie.	D: Eu vi o filme.	
R	JR: <u>You did...</u> Did you see the whole movie or just the trailer? Repetição	JR: Viu o filme todo ou só o trailer?	
MM	D: <u>No</u> , come on, I saw the whole movie. MM	D: Ora, eu vi o filme todo.	

Discussão: O trecho é repleto de repetições por parte dos falantes: são 5 ocorrências que não foram traduzidas.

Foram encontrados:

5 Repetições

1 Marcador Metadiscursivo

MM G	JR: <u>And</u> did you shed MM a <u>little</u> tear? Afeto (↓)	JR: Derramou uma lágrima?	
	I know when <u>David Letterman</u> shed a Interlocutor: audiência tear in this movie, I have a suspicion.	Sei em que parte <u>você</u> Interlocutor: DL chorou, tenho um palpite.	
R	D: When? <u>When?</u> Repetição	D: Em que parte?	
	JR: When Javier Bardem...	JR: Quando Javier Bardem...	
MM	D: <u>Right</u> , oh, that guy. MM	D: Ah, esse cara.	
<p>Discussão: Quando Julia Roberts fala de David Letterman na terceira pessoa, na versão em inglês, mostra que o espectador é também, naquele momento, seu interlocutor, e não David Letterman. Em português, essa interação entre Julia e a audiência é eliminada, tornando seu interlocutor David Letterman. Isso torna o texto em português mais impessoal, para o leitor, do que o original, devido à diminuição da interação com o leitor/ouvinte.</p> <p>O original apresenta maior volume de significado Interpessoal do que a tradução, aproximando mais os falantes da audiência.</p> <p>Podemos observar:</p> <p style="text-align: center;">2 Marcadores Metadiscursivos 1 Graduação 1 Repetição</p>			
	JR: There's a scene, in the movie, which I'm here because I want you guys to go see...	JR: Tem uma cena no filme, e estou aqui porque quero que vejam...	
MM MM G	D: That's why you're here! <u>Oh</u> , fine. MM <u>Oh</u> , well, thank you <u>so</u> very much. MM Ap (↑)	D: Por isso você está aqui! Tudo bem. Muito obrigado.	

<p>G MM MM R R R</p>	<p>JR: And because clearly I want to deal Af (↑) with my varicose veins. His grown son is going back to college, he's come to visit his dad and he goes back to college, and they have a moment of saying goodbye. And MM Javier is so sweet in that, and MM his son is so sweet in that, and it's Repetição so tender. I'm thinking of Harry and I'm thinking of David and I'm Repetição Repetição thinking there might have been a little bit of...</p>	<p>JR: E porque quero falar das minhas varizes. O filho dele vai para a faculdade. Visita o pai e vai para a faculdade, e há um momento de despedida. Javier é tão doce, o filho também, e é tanta ternura que me faz pensar em Harry e David emocionados.</p>	
--	---	--	--

Discussão: As informações presentes no original e não em português são:

4 Marcadores Metadiscursivos
2 Graduações
3 Repetições

<p>MM R</p>	<p>D: No, I'll tell you... I I can't, I MM Repetição I can't tell you.</p>	<p>D: Vou lhe dizer... Não posso dizer...</p>	
<p>G</p>	<p>JR: Do you even know what Ap (↑) I'm talking?</p>	<p>JR: Sabe do que estou falando?</p>	
<p>R MM MM G</p>	<p>D: I know what you're talking about. Repetição I... I... I... First of all, there was a MM moment that I was moved emotionally but it was not that. And I can't even tell MM Ap (↑) you what it was because every... the place will just be dead silent.</p>	<p>D: Eu sei! Houve um momento que me emocionou, mas não foi esse. Não posso dizer qual foi, pois haverá um silêncio mortal.</p>	
	<p>JR: Will you start crying?</p>	<p>JR: Vai começar a chorar?</p>	

	D: I might. I had the...	D: Talvez.	
	JR: Can you tell me in the commercial, when I can act it out? I'm an actor.	JR: Pode me falar no comercial, para eu interpretar? Eu sou atriz.	
	D: All right. Doesn't take place in Bali.	D: Está bem. Não acontece em Bali.	
	JR: <i>It doesn't?</i> OK.	JR: <i>Não.</i> Está bem.	
	D: Doesn't take place in Italy. It takes place in India.	D: Não acontece na Itália. Acontece na Índia.	
MM	JR: <u>Oh</u> , is it with Richard Jenkins? MM	JR: É com Richard Jenkins?	
	D: Yes.	D: Sim.	
	JR: Is it on the roof?	JR: No telhado?	
	D: Yes.	D: Sim	
	JR: <i>Am I in a Green sári?</i>	JR: <i>Estou com um sári verde.</i>	
	D: Yes.	D: Sim.	
	JR: Say no more. <u>Get ready, people.</u> Interlocutor: audiência	JR: <u>Já sei qual é.</u> Sem interlocutor	
	D: You know what I'm talking. That's the one you can't get by.	D: Você sabe! Impossível não se comover.	

Discussão: A mudança no nível do Mood (em inglês, as orações são interrogativas e, em português, declarativas) faz com que o tipo de interação entre Julia e David seja alterado.

A eliminação da oração “Get ready, people” altera mais uma vez a interação entre Julia Roberts e a audiência. No inglês, o interlocutor de Julia Roberts é sua audiência, enquanto em português não há interlocutor explícito.

O original contém maior volume de significado Interpessoal do que a tradução:

4 Marcadores Metadiscursivos
2 Repetições
3 Graduações

Tabela 1: A presença da metafunção interpessoal no original e na tradução da entrevista de Julia Roberts

Total de informações extras	45 (100%)			
	Original		Tradução	
Repetição*	15	34%	0	0%
Marcador Metadiscursivo	18	40%	0	0%
Graduação	8	18%	1	2%
Polaridade	1	2%	0	0%
Apreciação	1	2%	0	0%
Afeto	1	2%	0	0%

* Segundo Martin (2003), as Repetições são um modo de realizar as Graduações de Força. A repetição de um mesmo item lexical é um recurso frequentemente utilizado para intensificar a força de um enunciado.

4.2 Análise da entrevista de David Letterman com Julianna Margulies

Início a análise da entrevista dada pela atriz Julianna Margulies no programa de TV *Late Night Show with David Letterman*, em que fala sobre sua lua de mel, realizada 3 anos após seu casamento.

	Inglês	Português	
MM	D: <i>Ladies and gentlemen</i> , Interlocutor here's the always lovely sem interlocutor Julianna Margulies.	D: Vamos receber a sempre Interloc.+falante adorável Julianna Margulies.	
	JM: That music is something!	JM: Que música!	
	JM: Thank you.	JM: Thank you.	
MM	D: My goodness , what a MM lovely dress that is!	D: Que vestido lindo!	
MM	JM: Well , thank you. MM	JM: Obrigada.	
MM G Ap(+)	D: I've not seen anything quite like that. And it is lovely. MM Very nice. Ap(+)(↑)	D: Nunca vi nada parecido. É lindo.	
	JM: Thanks!	JM: Obrigada!	
	D: Good for you.	D: Meus parabéns.	
	JM: It's for you, Dave.	JM: É para você, Dave.	
	D: That dress is for me?	D: Esse vestido é para mim?	
MM	D: Well , I'll wait until later to MM try it on.	D: Vou experimentar mais tarde.	
<p>Discussão: Podemos observar 5 ocorrências de MM (Marcador Metadiscursivo) no original, mas nenhuma em português. O original também apresenta uma ocorrência de Apreciação com Graduação não presente na tradução:</p> <p style="text-align: center;">5 Marcadores Metadiscursivos 1 Graduação 1 Apreciação</p>			
	JM: It feels like it's been not spring in New York, so I thought I'd bring spring.	JM: Não tem parecido primavera em NY, e resolvi trazer a primavera.	
	D: It absolutely screams spring.	D: É pura primavera.	
	JM: Thank you.	JM: Obrigada.	

MM	D: Listen , here's a good idea. MM You and your husband had a baby. And of course you can't really... When you have a Interlocutor baby you can't go on a Interlocutor honeymoon.	D: Essa ideia é boa. Você e seu marido tiveram um bebê. Quem tem um bebê não pode sair em lua de mel.
R	D: If you haven't had a honeymoon before the baby, you can't you can't go. Interl. Repetição	D: Se não tiver feito lua de mel antes, não dá.
MM MM	JM: Correct. Here's what we did: we got married when I was seven-months pregnant. Waddled down the aisle. And then I said: "I don't wanna MM go on a honeymoon and be a beach whale somewhere where I can't have my Martini and a good time". So we MM waited 3 years and we just came back from our honeymoon.	JM: Exato. Nós fizemos o seguinte: nos casamos quando eu estava grávida de 7 meses. Entrei cambaleando na igreja. Falei: "Não quero viajar em lua de mel e ser a baleia encalhada em algum lugar, sem poder tomar um Martini e me divertir". Nós esperamos 3 anos e acabamos de voltar da lua de mel.
	D: It makes perfect sense.	D: Faz todo o sentido.
	D: Did you take the baby with you?	D: Levaram o bebê junto?
MM G MM G G G MM R G MM R	JM: Oh no, no. The whole MM Afeto (↑) point... And I actually really MM Afeto (↑) Afeto(↑) sug... I highly suggest that Afeto (↑) for anyone who gets married: you don't need the honeymoon after the wedding. Because MM you don't have anyone waking you up at 6 A.M., 5 A.M., 3 Repetição A.M. You can sleep as late as you want . Once you have the Afeto(↑) kid, then you go on your MM honeymoon because you need the honeymoon . Repetição	JM: Não, não. O objetivo... Eu aconselho a quem se casar: não precisam da lua de mel logo após o casamento. Não têm ninguém acordando vocês de madrugada. Podem dormir até tarde. Depois que tiverem o filho, saiam em lua de mel, porque vão precisar dela.

Discussão: O trecho em inglês apresenta muito mais significado Interpessoal do que sua tradução, que excluiu o interlocutor de algumas orações, deixando o texto mais impessoal. São excluídos, na tradução:

7 Marcadores Metadiscursivos (entre eles, “because”, que suaviza a fala de maneira heteroglóssica por meio da modalização de probabilidade)

3 Repetições

5 Graduações (que intensificam o Afeto presente na fala)

	D: Absolutely.	D: Sem dúvida.	
Af (+) MM	JM: <u>We got grandma to come</u> , my mother-in-law came and stayed with him. <u>And</u> we slept 8 hours! Sometimes 9!	JM: Minha sogra ficou com ele. Dormimos durante 8 horas! Às vezes, 9!	
	D: Man! That sounds good!	D: Nossa! Parece ótimo!	
	JM: I hadn't done that in 3 years.	JM: Eu não fazia isso havia 3 anos.	
Ob	D: Where did you... <u>May I ask</u> where you went?	D: Para onde foram?	

Discussão: O trecho original apresenta as seguintes ocorrências não presentes na tradução:

1 Afeto

1 Marcador Metadiscursivo

1 Obrigação (que acrescenta polidez à fala)

Af	JM: We went to the Napa Valley, in California. And flew in to San Francisco and drove there, somewhere. <u>We love wine and we love food.</u>	JM: Napa Valley, na Califórnia.	
----	--	---------------------------------	--

MM Ob MM MM R G G	JM: <u>I think also</u> another MM reason <u>you</u> <u>should</u> go Interlocutor Obrigação later on is you really get to know each other after 3 years of marriage <u>so you</u> 're gonna MM Interlocutor have a great honeymoon <u>because</u> you're <u>both</u> gonna MM Rep. be on the same page, as opposed to <u>sort of</u> <u>just</u> Afeto (↓) Afeto (↓) figuring it all out.	JM: Outro motivo para deixar para depois é que vocês se conhecem bem em 3 anos de casamento. A lua de mel será ótima, estarão sintonizados, não vão descobrindo no processo.	
MM G G	D: You know what I like about this, <u>and then</u> , when you come MM back to your regular schedule, you are <u>truly</u> reinvigorated Afeto (↑) <u>in every sense of the word.</u> Afeto(↑)	D: É bom, porque, quando volta ao seu cotidiano, a pessoa está revigorada.	
	JM: You are.	JM: É verdade.	
	D: You are ready to go.	D: Está pronto para tudo.	
R G	JM: You are <u>ready to go.</u> Repetição We <u>really</u> had a great time. Afeto (↑)	JM: Está. Nós nos divertimos.	
MM	JM: We ate a lot of good wine <u>and</u> ate a lot of good food. MM We're like old people.	JM: Bebemos muito vinho bom, comemos muito bem. Parecemos velhos.	
<p style="text-align: center;">Discussão: O trecho original apresenta mais informações referentes à metafunção Interpessoal não presentes na tradução:</p> <p style="text-align: center;">1 Obrigação 5 Marcadores Metadiscursivos 2 Repetições 5 Graduações 1 Afeto</p>			

Tabela 2: A presença da metafunção interpessoal no original e na tradução da entrevista de Julianna Margulies

Total de informações extras	39 (100%)			
	Original		Tradução	
Repetição*	5	13%	0	0%
Marcador Metadiscursivo	18	46%	0	0%
Graduação	11	28%	0	0%
Obrigaçã	2	5%	0	0%
Apreciaçã	1	3%	0	0%
Afeto	2	5%	0	0%

* Segundo Martin (2003), as Repetições são um modo de realizar as Graduações de Força. A repetição de um mesmo item lexical é um recurso frequentemente utilizado para intensificarmos a força de um enunciado.

4.3 Discussão geral

A análise das entrevistas e de suas respectivas traduções orientou-se pelas seguintes perguntas de pesquisa: (a) Que diferença existe entre as interlocuções de uma entrevista em inglês ocorridas em um programa de TV e as respectivas legendas em português em relação em especial à polidez? (b) Que papel exercem a Modalidade e a Avaliatividade nesse processo?

Não se pode esperar que uma tradução seja fiel ao texto original em todos os sentidos, mas sim que transmita o conteúdo original, marcada, porém, pelas escolhas do tradutor, pelas características específicas da língua. Sabe-se também que na tradução de uma interação oral para a versão escrita em forma de legenda exige alguns requisitos, tal como a maior concisão no texto escrito – com a omissão de algum elemento –, talvez para facilitar o acompanhamento da rapidez da versão oral. Porém, ficava-me a curiosidade de saber em que elementos recairia essa omissão, já que a língua constrói, de acordo com a Gramática Sistêmico-Funcional, ao mesmo tempo três tipos de significados ou metafunções: o Ideacional (informação), o Interpessoal (elementos que facilitam a interação entre os interlocutores) e o Textual (a construção do texto, tendo em vista os demais significados).

A minha experiência em tradução de textos do inglês para o português e vice-versa, além da percepção de que os estudos de língua não têm atribuído a atenção necessária ao elemento interpessoal – fator importante em uma comunicação, talvez mais do que a informação propriamente dita –, levou-me a pesquisar a metafunção Interpessoal, que envolve hoje, além da Modalidade, a Avaliatividade, ou seja, a avaliação que o autor faz da informação bem como do interlocutor e de si mesmo. Na realidade, esses elementos funcionam sob um grande guarda-chuva, a questão da polidez, em nome da qual todos os esforços são feitos pelos interactantes para a efetivação de uma comunicação satisfatória.

Os resultados mostram que a entrevista apresenta predominância de elementos avaliativos positivos, talvez por tratar-se de texto midiático. Alguns elementos de polidez na fala dos interlocutores não estão presentes nas legendas, levando a uma diminuição da polidez na versão em português.

A análise da entrevista mostra que, no processo da tradução para o português, houve maior exclusão dos Marcadores Metadiscursivos, tanto na entrevista de Julia Roberts (40%) quanto de Julianna Margulies (46%). O Marcador Metadiscursivo, segundo Hyland (2005), é “usado para negociar significados interacionais no texto, auxiliando o escritor (ou o falante) a expressar seu ponto de vista e a interagir com os leitores como membros de uma dada comunidade”. O grande número de exclusões dos Marcadores tende a mostrar que a tradução brasileira não leva em conta a preocupação interpessoal de gerenciamento das relações entre escritor e leitor (ou falante e interlocutor).

Na entrevista de Julia Roberts, em segundo lugar, seguem as Repetições (34%); em terceiro, as Graduações (18%). Na entrevista de Julianna Margulies, em segundo lugar, seguem as Graduações (28%); em terceiro, as Repetições (13%). Segundo Martin (2003), as Repetições são um dos modos de realizar as Graduações de Força. Portanto, se consideradas juntamente as porcentagens de Repetições e de Graduações, elas obteriam o primeiro lugar na entrevista de Julia Roberts. As Graduações têm papel importante na comunicação, pois aumentam ou diminuem e aguçam ou suavizam a avaliação do falante. O alto índice de omissão de Graduações implica uma diminuição do posicionamento do falante na tradução para a Língua portuguesa.

Na entrevista de Julia Roberts, em último lugar, com 2% de ocorrência cada, estão Polaridade, Apreciação e Afeto.

Na entrevista de Julianna Margulies, em quarto lugar estão Afeto e Obrigação (5%), e, em último lugar, com 3% de ocorrência, Apreciação.

O *Mood* é o recurso gramatical para se realizarem movimentos interativos no diálogo (MARTIN; MATTHIESSEN; PAINTER, 1997, p. 58). Portanto, nesse processo se estabelecem relações entre papéis de falante e ouvinte. Esse sistema não só apresenta alternativas para a realização da interação (modos declarativo, imperativo e interrogativo), como também realiza, no nível lexicogramatical, as proposições e propostas. Na entrevista de Julia Roberts há duas alterações do *Mood*: no original, as falas são interrogativas, e, na tradução, declarativas. Isso faz com que a versão em português seja mais monoglóssica do que o original.

A análise mostra que o original contém maior volume de significado Interpessoal do que a tradução, o que equivale a dizer que o falante posiciona-se mais no discurso e também leva mais em conta o interlocutor. Ou seja, em resumo, uma parte extremamente importante da interação – que cria empatia, que encoraja o interlocutor a dizer mais do que a pergunta exigiria, que prende a atenção do auditório (afinal a presença de um convidado em um programa como o do *Late Night Show with David Letterman*, de ampla repercussão mundial, por si só já é um item de divulgação pessoal) – é deixada de lado na tradução para uma legenda.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A oportunidade de cursar as disciplinas do curso de Mestrado, no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem em muito ressignificou meus conceitos linguísticos, possibilitando, assim, que eu revisite minhas práticas como docente.

Almejo que minha pesquisa seja relevante para a área da educação, oferecendo ao educador material para refletir sobre o uso real da língua inglesa e sobre os textos aos quais nossos alunos estão expostos diariamente. Atualmente há grande foco no ensino-aprendizagem de palavras e expressões padronizadas, que “salvam” o falante em momentos de emergência, e pouca atenção é dada ao elemento interpessoal. Para Martin e Rose (2003), a metafunção interpessoal realiza “nossas relações sociais”. É por meio do elemento interpessoal que se manifesta a interação entre os participantes da situação e com a sociedade. Ele está ligado a como interagem, ao grau de distância/proximidade ou de poder existente entre eles; revela a responsabilidade que os falantes assumem com relação à mensagem que transmitem, se o fazem de maneira categórica ou não. Espero que os professores possam efetuar uma prática educativa mais consciente, mostrando a seus alunos a importância do elemento interpessoal na interação em inglês.

Finalmente, acredito que a presente pesquisa possa também ajudar tradutores numa reflexão sobre suas escolhas linguísticas ao realizar o árduo trabalho de traduzir.

Tenho consciência de que meu trabalho como pesquisadora não está terminado, mas, por enquanto, creio que pude contribuir para uma reflexão mais aprofundada de nossas escolhas linguísticas e das consequências dessas escolhas.

REFERÊNCIAS

- BAKER, M. *In other words: A coursebook on translation*. London: Routledge, 1992.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BASSNETT, S.; LEFEVERE, A. *Translation Studies*. New York: Routledge, 1980.
- _____. *Translation Studies*. Shanghai: Shanghai Foreign Language Education Press, 2004.
- BELL, R. T. *Translation and translating: Theory and practice*. London: Longman, 1991.
- BROWN, P.; LEVINSON, S. *Politeness: Some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- BUTLER, C. S. Systemic Functional Linguistics, Cognitive Linguistics and psycholinguistics – Opportunities for dialogue. *Functions of Language*, 20.2, 2013..
- BYRNES, H. Interactional style in German and American Conversations. *Text*, 6.2, 1986.
- CATFORD, J. C. *A linguistic theory of translation*. London: Oxford University Press, 1965.
- CHAFE, Wallace. Cognitive Constraints on Information Flow. In: TOMLIN, R. S. *Coherence and Grounding in Discourse*. Amsterdam: John Benjamins Publ. Co., 1987.
- _____. The flow of ideas in a sample of written language. In: MANN, W. C.; THOMPSON, S. A. (eds.) *Discourse description: Diverse linguistic analyses of a fund-raising text*. Amsterdam: John Benjamins Publ. Co., 1992.
- COATES, J. Epistemic Modality and Spoken Discourse. *Transactions of the Philological Society*, 85, 1987.
- COFFIN, C.; O'HALLORAN, K. The role of appraisal and corpora in detecting covert evaluation. *Functions of Language*, 13 (1), 2006.
- COOK, G. *The Discourse of Advertising*. London: Routledge and Kegan Paul, 1992.
- CUNHA, Helenice Rego. *Normas para publicação da PUC MINAS*. Minas Gerais: Editora da Pontifícia Universidade Católica, 2011.
- DAVIDSE, K. *Categories of Experiential Grammar*. Tese de Doutorado. Leuven: Dept. of Linguistics, K.U., 1991.

_____. The Subject-Object versus the Agent-Patient asymmetry. *Leuven Contributions in Linguistics and Philology*, 86, 1997

_____. Agnates, ver classes and the meaning of construals. The case of ditransitivity in English. *Leuven Contributions in Linguistics and Philology*, n. 87, 1998.

DEGAND, L.; FAGARD, B. Intersubjectification des connecteurs. Le cas de car et parce que. *Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, 2008.

DOWNING, L. H. *Text world creation in advertising discourse*. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por: <sumiko@uol.com.br> em 2003.

DU BOIS, J. Taking a stance: *Constituting the stance differential in dialogic interaction*. Artigo apresentado na The Annual Meeting of the American Anthropological Association, realizado em 18 de novembro de 2000, em San Francisco.

_____. The intersubjectivity of interaction. Artigo apresentado no Tenth Biennial Rice University Symposium on Linguistics, na Rice University, 2004.

_____. *Stance and Consequence*. Annual Meetings of the American Anthropological Association, New Orleans, 2002.

DUFF, P. A. The Oxford Handbook of Applied Linguistics. In: EGGINS, S.; SLADE, D. *Analysing casual conversation*. London: CASSELL, 1997.

EGGINS, S. *An Introduction to Systemic Functional Linguistics*. London: Pinter, 1994.

_____. *An Introduction to Systemic Functional Linguistics*. 2. ed. London: Continuum, 2004.

EVANS, V.; BERGEN, B. K.; ZINKEN, J. The Cognitive Linguistics Enterprise: An Overview. *The Cognitive Linguistics Reader*, 2007.

FAIRCLOUGH, N. *Discourse and social change*. Cambridge: Polity Press, 1992.

_____. *Media Discourse*. London: Hodder Arnold, 1995.

FAUCONNIER, G. *Mental Spaces*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

FIGUEREDO, G. P. The flow of information in “Brian Aldiss Supertoys Last All Summer Long” and its translation into brazilian portuguese. 2006. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/isfc/proceedings/Artigos>>. Acesso em: 17 jul. 2014.

FILLMORE, C. J. Frame Semantics. In: LINGUISTIC SOCIETY OF KOREA (ed.) *Linguistics in the Morning Calm, III-37*. Seoul: Hanshin Publ. Co., 1982.

FIRBAS, Jan. Dunctional sentence perspective in written and spoken communication. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

FIRTH, J. R. *The Technique of Semantics. Transactions of the Philological Society.* London: Oxford University Press, 1935.

_____. Personality and language in society. In: _____. *Papers in Linguistics (1934-1951).* Oxford : Oxford University Press, 1950.

_____. Modes of Meaning. In: _____. *Papers in Linguistics (1934-1951).* Oxford : Oxford University Press, 1951.

FORD, Cecilia E. Dialogic aspects of talk and writing: because of the interactive-edited continuum. *Text*, 14, p. 531-554, 1994.

FOWLER. R. *Linguistic Criticism.* Oxford: Oxford University Press, 1986.

_____. *Language in the news.* London: Routledge, 1991

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido.* 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, Moacir (org.). *Paulo Freire: uma biografia.* São Paulo: Cortez Editora, 1996.

GNT. Julia Roberts conversa com David Letterman sobre o filme Comer, Rezar, Amar. Disponível em <<http://gnt.globo.com/programas/late-show-with-david-letterman/materias/julia-roberts-conversa-com-david-letterman-sobre-o-filme-comer-rezar-amar.htm>>. Acesso em 26 ago. 2014.

GNT. Julianna Margulies: lua de mel só depois de anos de casamento. Disponível em: <<http://gnt.globo.com/programas/late-show-with-david-letterman/materias/julianna-margulies-lua-de-mel-so-depois-de-anos-de-casamento.htm>>. Acesso em 26 ago. 2014.

GOFFMAN, E. *Interaction Ritual: Essays on Face-to-Face Behavior.* Anchor Books, 1967.

_____. *Forms of talk.* Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1981.

_____. Footing. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (orgs.) *Sociolinguística Interacional: antropologia, linguística e sociologia em análise do discurso.* Porto Alegre: Age, 1998.

GOODWIN, C.; GOODWIN, M. H. Concurrent Operations on Talk: Notes on the Interactive Organization of Assessments. *IPrA Papers in Pragmatics* 1, 1987.

GRICE, H. P. Logic and Conversation. In: Cole, P.; Morgan, J. (eds.). *Syntax and Semantics: v. 3, Speech acts.* New York: Academic Press, 1975.

HALLIDAY, M. A. K. *Intonation and Grammar in British English*. Mouton: The Hague, 1967.

_____. *Language as social semiotic*. London: Edward Arnold, 1978.

_____. Language as code and language as behaviour: a systemic-functional interpretation of the nature and ontogenesis of dialogue. In: FAWCETT, R. et al. (eds.). *The Semiotics of Culture and Language*, vol. I: *Language as Social Semiotics*. London: Pinter, 1984.

_____. *An Introduction to Functional Grammar*. London: Edward Arnold, 1985.

_____. New ways of meaning: a challenge to applied linguistics. In: PUTZ, M. (ed.). *Thirty Years of Linguistic Evolution: Studies in Honour of Rene Dirven on the Occasion of his Sixtieth Birthday*. Philadelphia/ Amsterdam: John Benjamins, 1992.

_____. *An Introduction to Functional Grammar*. London: Edward Arnold, 1994.

_____. Grammar and the construction of educational knowledge. In: BERRY, R. et al (eds.). *Language Analysis, Description and Pedagogy*. Hong Kong: Language Centre, The Hong Kong University of Science & Technology, 1999.

_____. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 2004.
Revisado por MATHIESSEN, C. M. I.

HALLIDAY, M. A. K. e HASAN. R. *Cohesion in English*. London: Longman, 1976.

_____. *Language, Context & Text – Aspects of language in a social-semiotic perspective*. Oxford: Oxford University Press, 1989.

HALLIDAY, M. A. K.; MARTIN, J. R. *Writing Science: literacy and discursive power*. London/Washington: The Falmer Press, 1993.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, Christian M. I. M. *Construing experience through meaning : a language-based approach to cognition*. London, New York: Cassell, 1999.

HASAN, R. *Cohesion in English*. London: Longman, 1976.

HEYVAERT, L. *A Cognitive-functional approach to nominalization in English*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2003

_____. Nominalization as grammatical metaphor. On the need for a radically systemic and metafunctional approach. In: RAVELLI, L. J. et al (eds.). *Grammatical Metaphor: Views from systemic functional linguistics*. Liesbet Heyvaert: University of Leuven, 2003.

HOLME, Randal. Grammatical metaphor as a cognitive construct. *Current Issues in Linguistic Theory*, 236, 2003.

HOLTGRAVES, T. Interpreting Indirect Replies. *Cognitive Psychology*, n. 37, 1998.

HUANG, G. W. Funcional linguistic inspiration for translation studies. *Foreign Languages and Their Teaching*, n. 5, 2002.

_____. A functional linguistic approach to translation studies. *Chinese Translators Journal*, n. 5, 2004.

_____. *Linguistic explorations in translation studies*. Shanghai: Shanghai Foreign Language Education Press, 2006.

HYLAND, K. *Metadiscourse: Exploring Interaction in Writing*. London: Continuum, 2005.

Julia Roberts on David Letterman 2010 (Part 1). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zzXZ1aZrc38>>. Acesso em 26 ago. 2014.

Julianna Margulies in Late Show with David Letterman May 16, 2011. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=dLOvR8eXEq4>>. Acesso em 15 ago. 2014.

KAPLAN, R. B. (ed.). *The Oxford handbook of applied linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2002.

KÄRKKÄINEN, E. Stance taking in conversation: From subjectivity to intersubjectivity. *Text & Talk*, 26.6, 2006.

KITIS, E.; MILAPIDES, M. Read it and believe it: How metaphor constructs ideology in news discourse. A case study. *Journal of Pragmatics*, n. 28, 1997.

KOCH, I. G. V. et al. Aspectos do processamento do fluxo de informação no discurso oral dialogado. In: CASTILHO, A. T. de (org.). *Gramática do Português Falado*. FAPESP, 1990. v. 1.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors We Live By*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

_____. *Women, Fire, and Dangerous Things: What Categories Reveal About the Mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LAM, M.; WEBSTER, J. The lexicogrammatical reflection of interpersonal relationship in conversation. *Discourse Studies*, 11.1, 2009.

LANGACKER, R. W. *Foundations of Cognitive Grammar: Theoretical Prerequisites*. Stanford: Stanford University Press, 1987.

_____. *Foundations of Cognitive Grammar: Descriptive Application*. Stanford: Stanford University Press, 1991.

LATOURET, B.; WOOLGAR, S. *The laboratory life: The social construction of scientific facts*. Los Angeles: Sage, 1979.

- LEMKE, Jay L. Resources for attitudinal meaning – Evaluative orientations in text semantics. *Functions of Language*, 1998.
- _____. *Talking science: language, learning, and values*. New York: Ablex Pub. Corp., 1990.
- LI, F. G. *Interpersonal meaning and equivalence in translation: A functional linguistics analysis of "Shu Dao Nan" and its English versions*. Nanchang: Jiangxi People's Publishing Press, 2007.
- MACKEN-HORARIK, M. Interacting with the multimodal text: reflections on image and verbiage in ArtExpress. *Visual Communication*, n. 3.1, p. 5-26, 2004.
- MALINOWSKI, Branislaw. The Problem Of Meaning In Primitive Languages. In: Ogden, C. K.; Richards, I. A. *The Meaning Of Meaning: A Study of Influence of Language Upon Thought and of the Science of Symbolism*. New York: Harcourt, Brace and World, 1923
- _____. *Coral Gardens and their Magic: A Study of the Methods of Tilling the Soil and of Agricultural Rites in the Trobriand Islands*. London: Allen & Unwin, 1935.
- MARTIN, J. R. Language, register and genre. In: CHRISTIE, F. (ed.). *Children writing: reader*. Geelong: Deaking University Press, 1984.
- _____. *Factual Writing: Exploring and Challenging Social Reality*. Geelong, VC: Deaking University Press, 1985a.
- _____. *The language of madness: method or disorder? Language and the Inner Life*. Canberra: Faculty of Military Studies, Duntroon (Department of English Occasional Papers), 1985b.
- _____. Intrinsic functionality: Implications for contextual theory. *Social Semiotics*, 1991.
- _____. *English Text: System and Structure*. Philadelphia: John Benjamins, 1992.
- _____. Beyond Exchange: APPRAISAL Systems in English. In: Hunston, S.; Thompson, G. (eds.). *Evaluation in Text*. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- _____. Introduction. *Text*, n. 23.2, p. 171-182, 2003.
- MARTIN, J. R.; MATTHIESSEN, C. M. I. M.; PAINTER, C. *Working with functional grammar*. London: Edward Arnold, 1997.
- MARTIN, J. R.; ROSE, D. *Working with Discourse: Meaning beyond the clause*. London: Continuum, 2003.
- MATTHIESSEN, C. M. I. M. The architecture of language according to systemic functional theory: Developments since the 1970s. In: HASAN, R.; MATTHIESSEN, C.

- M. I. M.; WEBSTER, J. J. (eds.). *Continuing discourse on language*. vol. 2. London: Equinox Publishing, 2007.
- MING, Liu. Systemic functional linguistic approach to translation studies. *US-China Foreign Language*, n. 5.8, 2007.
- MOITA LOPES, L. P. Padrões interacionais em sala de aula de Língua Materna: conflitos culturais ou resistência. In: COX, M. I.; ASSIS-PETTERSON, A. A. *Cenas de sala de aula*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.
- MUNTIGL, P. Policy, politics, and social control: A systemic functional linguistic analysis of EU employment policy. *Text* 22.3, 2002.
- NIDA, E. A. *Contexts in Translation*. Philadelphia: Benjamins Translations Library, 2001.
- NORRIS, Sigrid. The implication of visual research for discourse analysis: transcription beyond language. *Visual Communication*, n. 1, p. 97-121, 2002. v. 1.
- OCHS, E. Transcriptions as Theory. In: OCHS, E.; SCHIEFFELIN, B. (eds.). *In Developmental Pragmatics*. New York, NY: Academic Press, 1979.
- OCHS, E.; SCHIEFFELIN, B. Three developmental stories. In: SHWEDER, R.; LEVINE, R. (eds.). *Culture Theory: Essays in Mind, Self and Emotion*. New York: Cambridge University Press, 1989.
- SAPIR, E. The Status of Linguistics as a Science. In: SAPIR, E.; MANDELBAUM, D. G. (ed.). *Culture, Language and Personality*. Berkeley, CA: University of California Press, 1958.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Editora Cultrix, 1995.
- SCHIFFRIN, D. Meta-Talk: Organizational and Evaluative Brackets in Discourse. *Sociological Inquiry*, 50, 1980.
- SEMINO, E. *Language and World Creation in poetry and other texts*. London: Longman, 1997.
- SHIBATANI, Masayoshi. *Grammatical Constructions, Their Form and Meaning*. Oxford: Clarendon Press, 1996.
- SILVA, L. C. *O Papel dos Marcadores Discursivos na Escrita e na Fala: Uma Taxonomia Textual e Interpessoal sob o Enfoque da Linguística Sistêmico-Funcional*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010.
- SLOBIN, Dan I. *Psicolinguística*. São Paulo: Companhia Editora Nacional/EDUSP, 1980.

_____. Two ways to travel: Verbs of Motion in English and Spanish. In: SHIBATANI, Masayoshi; THOMPSON, Sandra (eds.). *Grammatical Constructions*. Oxford: Clarendon Press, 1996.

SLOBIN, Dan I.; HOITING, Nini. Reference to movement in spoken and signed languages: Typological considerations. *The Annual Proceedings of the Berkeley Linguistics Society*, vol. 20, n. 1, 1994. Disponível em: <<http://elanguage.net/journals/bls/article/view/2995>>. Acesso em 29 set. 2014.

SLOBIN, Dan I.; ZIMMER, Karl (eds.). *Typological Studies in Language: Studies in Turkish Linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

TABOADA, M. Discourse Markers as Signals (or Not) of Rhetorical Relations. *Journal of Pragmatics* 38, 2006.

TALMY, L. Lexicalization patterns: Semantic Structure in lexical forms. In: SHOPEN, T. (ed.). *Language Typology and Syntactic Description III: Grammatical Categories and the Lexicon*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

_____. Path to Realization: A Typology of event conflation. *Proceedings of the Seventeenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*, 1991.

_____. The windowing of attention in language. In: SHIBATANI, M.; THOMPSON, S. A. (eds). *Grammatical constructions: their form and meaning*. Oxford: Clarendon Press, 1996.

TAVERNIERS, M. Subjecthood and the notion of instantiation. *Language Sciences*, 27, 2005.

_____. *Metaphor and metaphorology: a selective genealogy of philosophical and linguistic conceptions of metaphor from Aristotle to the 1990s*. Gent: Academia Press, 2002.

_____. Grammatical metaphors in English. *Moderna Sprak*, 98. Suécia, 2004.

_____. Grammatical metaphor and lexical metaphor: Different perspectives on semantic variation. *Neophilologus* 90(2), 2006.

THOMPSON, G. *Introducing Functional Grammar*. London: Arnold, 1996

_____. Resonance in text. In: SANCHEZ-MACARRO; CARTER, R. (eds.). *Linguistic choice across genres: variation in spoken and written English*. London: John Benjamins, 1998.

THOMPSON, G.; THETELA, P. The sound of one hand clapping: The management of interaction in written discourse. *Text* v. 15, n. 1, 1995.

VAN DIJK, T. A. Critical Discourse Studies: A Sociocognitive Approach. In: WODAK, R.; MEYER, M. (eds). *Methods of Critical Discourse Analysis*. London: Sage, 2002, p. 95-120.

_____. *Society in discourse: How context controls text and talk*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

VENTOLA, E. *The structure of social interaction: a systemic approach to the semiotics of service encounters*. London: Pinter, 1987.

WERTH, P. *Text Worlds: Representing Conceptual Space in Discourse*. London: Longman, 1999.

_____. World enough, and time: Deictic space and the interpretation of prose. In: VERDONK, P.; WEBER, J. (eds.). *Twentieth-century Fiction: From Text to Context*, 1995.

WHITE, P. R. R. Beyond modality and hedging: A dialogic view of the language of intersubjective stance. *Text*, n. 23.2, 2003, p. 259-284,

WHORF, B. L.; CARROLL, John B. (ed.). *Language, Thought, and Reality: Selected Writings of Benjamin Lee Whorf*. New York: MIT Press, 1956.